

**UNIVERSIDADE POTIGUAR  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
ESCOLA DE GESTÃO E NEGÓCIOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ADMINISTRAÇÃO**

**JOSEVALDO AMARAL DE SOUSA**

**A INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E DO USO  
ESTRATÉGICO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS  
POR EMPRESAS DE PEQUENO PORTE**

**NATAL/RN  
2014**

**JOSEVALDO AMARAL DE SOUSA**

**A INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E DO USO  
ESTRATÉGICO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS  
POR EMPRESAS DE PEQUENO PORTE**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração da Universidade Potiguar, como requisito parcial para Obtenção de título de Mestre em Administração. Linha de pesquisa: Estratégia e Competitividade.

**Orientador:** Prof. Dr. Rodrigo José Guerra Leone.

NATAL/RN  
2014

**Souza, Josevaldo Amaral**  
***A Influência da Aprendizagem Organizacional e do***  
***Uso Estratégico da Informação Contábil na Captação***  
***de Recursos por Empresas de Pequeno Porte /***  
***Josevaldo Amaral de Sousa. – Natal, 2014.***

**64f.**

Orientador: **Rodrigo José Guerra Leone**  
***Dissertação*** (Mestrado em ***Administração***). – Universidade  
Potiguar. Pró-Reitoria Acadêmica – Núcleo de Pós-Graduação.  
Bibliografia: **54 -62 f.**

**1. Captação de recursos – Dissertação. 2.**  
***Informações contábeis relevantes. 3. Concessão de***  
***crédito. 4. Aprendizagem Organizacional. I. Título.***

JOSEVALDO AMARAL DE SOUSA

**A INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E DO USO  
ESTRATÉGICO DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL NA CAPTAÇÃO DE RECURSOS  
POR EMPRESAS DE PEQUENO PORTE**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração da Universidade Potiguar, como requisito parcial para Obtenção de título de Mestre em Administração. Linha de pesquisa: Estratégia e Competitividade.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rodrigo José Guerra Leone  
Orientador  
Universidade Potiguar

---

Prof. Dr. Júlio Cesar Ferro de Guimarães  
Universidade Potiguar

---

Prof. Dr. Anailson Márcio Gomes  
Membro Examinador Externo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## DEDICATÓRIA

Dedico a Deus.

Aos meus pais, Lúcia e José (ambos *in memoriam*) e a minha família.

À Direção da Escola de Gestão e Negócios da UnP pelo apoio.

Aos colegas de jornada e professores, em especial ao professor orientador.

E a todos que de forma direta e indireta contribuíram para essa vitória.

## **AGRADECIMENTOS**

Desafio tão grande quanto escrever essa dissertação é listar em um curto espaço todos que direta e indiretamente contribuíram à sua execução.

Sou grato aos meus pais, familiares e mestres e amigos.

Grato à Direção da Universidade Potiguar por permitir que eu privasse parte do tempo destinado à Coordenação do Curso de Ciências Contábeis para realização desse feito.

Ao professor e amigo Rodrigo Leone meu agradecimento por ter aceitado o desafio de me orientar e acreditado na relevância do tema e potencial acadêmico de seu orientando.

## EPÍGRAFE

“Com perdas só há um jeito: perdê-las! Com os ganhos, o proveito é saborear cada um como uma fruta boa da estação”.

Lya Luft

## RESUMO

As Pequenas e Médias Empresas enfrentam dificuldades no acesso ao financiamento externo advindo em grande parte da fragilidade das informações financeiras. Em decorrência, o perfil do empresário, sua trajetória gerencial associado a sua reputação e idoneidade aparecem como os determinantes mais importantes da decisão de crédito. Este estudo buscou analisar se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciam na qualidade da captação de crédito pelas Empresas de Pequeno Porte e observar até que ponto a capacidade de aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis podem interferir na qualidade da captação de recursos pelas referidas empresas. Os dados coletados em 126 escritórios de contabilidade localizados em Natal/RN foram analisados com a técnica de análise de correlação canônica, considerando os dados originais observados, para estudar as associações existentes entre um grupo inicial de características da Aprendizagem Organizacional e Uso Estratégico da Informação Contábil com um segundo grupo formado pelas características da Qualidade do Crédito. Os resultados da pesquisa revelam que tanto uso estratégico da informação contábil quanto a aprendizagem organizacional influenciam na qualidade do crédito captado.

**Palavras-chave:** Captação de recursos. Informações contábeis relevantes. Concessão de crédito. Aprendizagem Organizacional.



## ABSTRACT

Small and Medium Enterprises face difficulties in accessing external financing arising largely from the fragility of the financial information . As a result the profile of the entrepreneur , his managerial career associated with their reputation and trustworthiness appear as the most important determinants of credit decisions . This study aims to evaluate if the organizational learning and strategic use of accounting information influences the quality of credit uptake by Small Businesses in Rio Grande do Norte and observe the extent to which learning ability organizational and strategic use of accounting information can affect the quality of fundraising by these companies . Data collected on 126 accounting firms located in Natal / RN were analyzed with the technique of canonical correlation analysis, considering the observed original data , to study the existing associations between an initial group of characteristics of Organizational Learning and Strategic Use of Accounting Information with a second group formed by the characteristics of Credit Quality. The research findings reveal that both strategic use of accounting information as organizational learning influence the quality of the credit received.

**Keywords:** Fundraising. Accounting Information. Granting of credit, Learning Organization.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMÁTICA.....	11
1.2	OBJETIVOS .....	13
1.2.1	<i>Geral.....</i>	13
1.2.2	<b><i>Específicos .....</i></b>	<b>13</b>
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>15</b>
2.1	APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E USO ESTRATÉGICO DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS ..	15
2.2	ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS.....	24
2.2.1	VARIÁVEIS ESTRATÉGICAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS.....	25
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	30
3.2	UNIVERSO E AMOSTRA.....	30
3.3	VARIÁVEIS ANALÍTICAS.....	31
3.4	COLETA DE DADOS .....	33
3.4.1	<b><i>Instrumentos da Pesquisa.....</i></b>	<b>33</b>
3.4.2	<b><i>Plano de Coleta.....</i></b>	<b>34</b>
3.5	<i>TRATAMENTO DOS DADOS.....</i>	<i>34</i>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>63</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMÁTICA

Apesar da relevante participação na economia, micro e pequenas empresas (MPE's), sofrem com a carência de planejamento, organização e controle de suas atividades para atingirem os resultados almejados. Falta-lhes a transparência e o conhecimento necessário à divulgação de informações essenciais que as permitam alinhar e transmitir sua estratégia de negócio aos *stakeholders* de um modo geral. Em cenário de competitividade é crescente a necessidade por introdução de mecanismos que aumentem a capacidade de gestão auxiliem as organizações na definição de uma estratégia organizacional que oriente a sua permanência no mercado. Uma constante preocupação presente na gestão das Empresas de Pequeno Porte (EPP) relaciona-se à dificuldade em escolher quais informações contábeis são relevantes para as decisões relacionadas às estratégias de captação de recursos financeiros para financiamento de seu capital de giro.

Fatores como a existência de regras informais baseadas em relações de confiança, tais como a reputação, laços geográficos ou familiares também podem influenciar significativamente a decisão de concessão de financiamento das pequenas empresas (JI, 2009). Em alguns casos os empresários optam por maneiras indiretas de aumentar as chances de financiamento nessa modalidade realizando a captação de crédito em nome dos sócios da empresa, voltado ao investimento no negócio (SCHIMITT Jr, 2002).

Percebe-se no atual contexto competitivo que as organizações, independentemente de seu porte e complexidade, estão inseridas em um mercado composto por clientes e financiadores bem informados e cada vez mais exigentes. O crédito, que faz movimentar a empresa e desenvolvê-la, tem importante papel na acumulação de capital e possui uma importância fundamental para a sobrevivência, para a manutenção das atividades e principalmente para o aprimoramento da capacidade gerencial, entretanto, grande parte dos gestores das Pequenas e Médias

Empresas (PME's) desenvolvem práticas gerenciais inadequadas agravando sua incapacidade para obter recursos para investimentos (LUCATO; VIERA Jr, 2006).

Diante dessa realidade mercadológica atual, as empresas que adotam modelos de informação que focam apenas o tradicional controle financeiro e que apesar de sua importância traduz-se em benefícios somente de curto prazo, não se mantêm sustentáveis e competitivas. Depreende-se neste contexto que informação contábil relevante será aquela que apontar ao gestor os fatos que possam influenciar na sua interpretação e consequente decisão.

Nota-se que as dificuldades enfrentadas pelas Pequenas e Médias Empresas (PME's) no acesso a financiamento externo advêm em parte das suas fragilidades financeiras e da transparência legal de informação que transmitem aos financiadores. O perfil do empresário e a sua trajetória no exercício da atividade empresarial associado a sua reputação e idoneidade surgem como os determinantes mais importantes da decisão de crédito (LEVRATTO, 2001; XU; LI; LIU,2009).

Adicionalmente, pesquisas recentes sobre a qualidade da informação contábil encontraram correlação positiva entre a evidenciação das informações contábeis e a eficiência da governança corporativa, isto é, as empresas com boas práticas de governança corporativa divulgam informações contábeis com qualidade superior (XU; LI; LIU, 2009; HOLDER-WEBB; SHARMA, 2010; ANJOS et. al. 2012).

Na tentativa de entender se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciam na qualidade da captação de crédito pelas Empresas de Pequeno Porte (EPPs), foram formuladas as seguintes hipóteses de pesquisa:

**(H1) o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas.**

Holder-Webb e Sharma (2010) observaram como decisões de crédito são afetadas pela percepção dos credores em relação à evidenciação das informações contábeis e o nível de qualidade de governança das empresas que demandam crédito. O estudo conduzido pelos autores encontrou evidências de que os credores

consideram principalmente a condição financeira e à percepção sobre a confiabilidade das informações contábeis das empresas que demandam empréstimos. Anjos et al.(2012) identificou em pesquisa conduzida em 34 empresas de Recife e 88 de Maceió um possível conflito de agência devido a existência de assimetrias de informação entre o que os financiadores desejam saber e o que os pequenos empreendedores informam.

**(H2) os gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influencia a qualidade do crédito captado.**

Fernandes (2010) investigou se a qualidade das informações contábeis das empresas brasileiras poderia afetar a captação de recursos no mercado bancário. Os resultados da pesquisa evidenciam que o tempo de experiência dos analistas de crédito mostra diferenças de percepções e atitudes dos analistas em relação à importância da contabilidade na análise do crédito.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Geral

Analisar a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis como influenciadores na qualidade da captação de crédito pelas Empresas de Pequeno Porte no Rio Grande do Norte.

### 1.2.2 Específicos

- a) Avaliar se o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de crédito praticadas;
- b) Observar se a aprendizagem organizacional influencia na qualidade da captação de recursos pelas EPP's.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

A principal motivação dessa pesquisa é de caráter econômico, posto que um dos grandes problemas enfrentados pelos pequenos empresários é definir uma estratégia de captação de recursos financeiros que os torne mais competitivos e simultaneamente contribua para uma maior segurança aos analistas de crédito. O estudo também justifica pela escassez de literatura acerca do tema e também pelo pequeno número de estudos empíricos voltados ao uso estratégico das informações contábeis pelas EPP's.

Acredita-se que a identificação de práticas compatíveis com a realidade das Empresas de Pequeno Porte (EPP's) poderá indicar novos caminhos e experiências que promoveram o seu melhor desempenho na busca por captação de recursos financeiros para financiamento de seu capital de giro.

As pequenas e médias empresas (PMEs), no Brasil, possuem características que as qualificam como organizações empresariais predominantemente familiares, com pequeno número de funcionários, e geridas por seus próprios proprietários. É senso comum no meio acadêmico e empresarial que o ambiente informacional das pequenas e médias empresas (PMEs) destina-se à geração de informação com viés fiscal em detrimento da informação como valor estratégico.

Entretanto, Galloro e Galloro (2000) alertam que um bom sistema de informação contábil deve gerar relatórios flexíveis o suficiente de forma a permitir o tratamento das informações de natureza repetitiva com o “máximo possível de relevância e o mínimo de custo” (GALLORO; GALLORO, 2000, p.59) de forma a atender as necessidades dos gestores da empresa.

Assaf Neto e Lima (2010, p. 104) discorrem que a análise das demonstrações contábeis possibilita avaliar o desempenho geral da empresa, “notadamente como forma de identificar os resultados (consequências) retrospectivos e prospectivos das diversas decisões financeiras tomadas” e, conseqüentemente, interferem na análise do perfil do tomador do crédito.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E USO ESTRATÉGICO DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

Uma preocupação comum às empresas é saber a sua capacidade de geração de lucros, ou seja, que retorno o empresário está obtendo sobre seus investimentos. Tornando-se de suma importância avaliar esses resultados periodicamente de maneira a extrair informações sobre a capacidade de honrar seus compromissos, ou seja, a geração de lucros significa que a empresa está pagando suas dívidas e ainda remunerando seus investidores.

Isso é o princípio contábil da continuidade. Alterações do mercado, a incorporação de novas tecnologias no trabalho e o desejo de autodesenvolvimento são alguns dos fatores que motivam as pessoas adultas a aprenderem e a se desenvolverem no ambiente do trabalho (SCORSOLINI-COMIN; INOCENTE; MIURA, 2011).

As micro e pequenas empresas, de acordo com os estudos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2011), representam 99% das empresas brasileiras e geram cerca de 60% dos empregos. Tais empresas caracterizam-se pela necessidade de relacionarem-se de forma intensiva com seus clientes, consumidores em geral, instituições financeiras, canais de comercialização, dentre outros órgãos de intervenção. Vivem num ambiente constante de aprendizagem em redes.

Construindo relacionamentos e usando suas próprias relações pessoais para construção de novas relações contratuais. Esses aspectos mencionados quando associados às demais características das empresas de pequeno porte, tais como autonomia, direção do proprietário e dependência dos consumidores constituem por si só as bases de uma aprendizagem empresarial (GIBB, 1997)

Recente estudo com 316 micro e pequenas empresas paulistas realizado pelo Sindicato da Micro e Pequena Indústria de São Paulo denota que quando perguntadas

sobre quando precisa ter acesso a mais capital de giro, a qual fontes você costuma recorrer com mais frequência, 37% afirmaram que recorrem a linhas de crédito para pessoa jurídica, porém cerca de 40% dos pequenos empresários responderam que recorrem a empréstimo pessoal no banco (empréstimo para pessoa física), com a finalidade de aplicar em sua empresa (SIMPI, 2014).

As demonstrações contábeis contêm importantes informações sobre os resultados operacionais e a posição financeira de uma empresa. Tendo em vista que essas demonstrações são amplamente padronizadas, os dados que elas contêm podem ser usados para fazer comparações entre empresas e através do tempo. A relação entre certos dados financeiros pode ser usada para identificar áreas onde a empresa tem sucesso e, mais importante, áreas com espaço para melhorar o desempenho (GITMAN, 2001).

Alguns pesquisadores têm voltado suas pesquisas recentes ao tema da aprendizagem organizacional sob uma perspectiva da Psicologia Organizacional e sua influência no desempenho das instituições pesquisadas (ABBAD; CORRÊA; MENESES, 2010; ANTONELLO; GODOY, 2010; REIS; NAKATA; DUTRA, 2010). Existem duas abordagens predominantes para o estudo da aprendizagem nas organizações: a aprendizagem organizacional e a organização que aprende.

Sem lugar a dúvidas, vivemos em uma sociedade de aprendizagem. Esta demanda de aprendizagens contínuas e massivas é uma das características que define a sociedade atual. Mas não se trata apenas de aprender muitas coisas, senão de aprender coisas diferentes e em um tempo escasso, dado o grande volume de informação que devemos processar e a velocidade de mudança, que nos leva a um aperfeiçoamento constante ao largo de toda a vida (MININNI-MEDINA; LUZZI; LUSWARGHI, 2000, p. 1).

Finger e Brand (2001) distinguem as duas abordagens, afirmando que a organização que aprende refere-se à definição de um objetivo estratégico, enquanto a aprendizagem organizacional consiste no meio para alcançar a estratégia da empresa. Ou seja, a aprendizagem organizacional é o processo pelo qual as organizações alcançam os objetivos traçados por uma organização que aprende. Fleury e Fleury (2003) consideram que reside no equilíbrio entre estratégia e competência o principal objetivo dos processos de aprendizagem.



Na definição de Argyris (1999), a aprendizagem organizacional é um processo através do qual os participantes da organização identificam erros e os corrigem ao reestruturar a teoria em uso. Para o autor a aprendizagem pode ser desmembrada em dois tipos: aprendizagem em circuito único, desenvolvendo a habilidade de detectar e corrigir o erro e a aprendizagem em circuito duplo, a qual depende da capacidade de questionar permanentemente a situação.

Argyris e Schon (1978) apresentam a ação dos indivíduos como ponto de partida, ou seja, a aprendizagem em circuito duplo é uma espécie de retroalimentação que permite rever as regras de comportamento que governam as ações individuais.

Em Piaget encontramos condições para entendermos o aspecto individual do desenvolvimento cognitivo, pois não podemos desconsiderar que o desenvolvimento cognitivo é resultante de processos internos, de operações mentais, que apenas o indivíduo é capaz de fazer, e o faz individualmente. O foco é o sujeito em interação com o objeto. Em Vygotsky, podemos observar o aspecto cultural, social, intervindo no desenvolvimento cognitivo, pois também não podemos desconsiderar que o ser humano é um ser social, portanto, capaz de um desenvolvimento cognitivo pautado na interação entre o sujeito e o objeto, mediado por sujeitos que já possuem o conhecimento e por uma educação sistematizada e organizada, que utiliza conceitos científicos e é capaz de lhe oferecer a possibilidade de aprender e desenvolver seu sistema cognitivo, ao intervir em seus processos psicológicos e comportamentais (OLIVEIRA, 2007, p. 6).

Resumindo, Piaget analisa a relação entre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem com foco na inteligência resultante de processos mentais internos e a interação com o objeto, tomando por base o indivíduo. Por sua vez, Vygotsky estuda como a aprendizagem contribui para o desenvolvimento cognitivo, a partir de sua relação com o social.

Garvin (1993) considera que as organizações aprendem quando são aptas a criar, a adquirir e transferir conhecimentos e a modificar seus respectivos comportamentos, tornando-se capacitadas a refletir os novos conhecimentos e evidencia as cinco principais habilidades das organizações que aprendem: a) resolver problemas sistematicamente, geralmente apoiados em ferramentas estatísticas e da qualidade apoiadas em dados reais; b) experimentação, pesquisando e testando novos conhecimentos; c) aprendizagem através das experiências passadas, baseando-se no valor do erro produtivo ao invés do sucesso improdutivo; d) aprendizagem através do

Benchmarking, ou seja, da experiência e das melhores práticas de outros e concluindo, e) transferência de conhecimento. Para o referido autor o comprometimento com a aprendizagem é essencial à melhoria contínua.

Na visão dos psicólogos cognitivos defensores da Teoria do Processamento da Informação, o conhecimento é adquirido devido ao fato que os indivíduos sejam capazes de ir além do conhecimento prático em direção ao desenvolvimento de uma capacidade de refletir sobre os próprios pensamentos (CORSO et al, 2013; BORUCHOVITCH, 1999).

De acordo com Senge (1990) organizações de aprendizagem são aquelas onde as pessoas ampliam continuamente sua capacidade de criar os resultados que realmente desejam, onde novos padrões e maneiras de expandir o pensamento são cultivados, onde os sonhos coletivos são liberados e onde as pessoas estão continuamente aprendendo a ver o todo juntas. O pressuposto para essas organizações é que, em situações de mudança veloz apenas aqueles que são flexíveis, adaptáveis e produtivos se sobressairão.

Embora todas as pessoas tenham a capacidade de aprender, as estruturas em que têm de trabalhar muitas vezes não refletem o compromisso com o aprendizado. Nas organizações de aprendizagem os indivíduos se sentem parte de algo muito maior que eles e relatam a experiência em equipe como algo bastante singular em suas vidas. Mas nem sempre a aprendizagem individual é a garantia de aprendizagem organizacional.

Há uma tendência emergente na literatura de aprendizagem organizacional denominada Perspectiva da Estratégia/Gerencial. Neste contexto, aprendizagem “não somente significa que uma organização aprende, mas deve aprender mais rapidamente que outras” (ANTONELLO, GODOY, 2010). Conforme Antonello e Godoy (2010), há ainda outra abordagem que na opinião delas é a mais adequada ao contexto de aprendizagem organizacional que é a teoria baseada em práticas a qual evidencia que a aprendizagem não pode ser considerada apenas como processo individual. Ou seja, a aprendizagem passa a ser compreendida a partir das relações e interações das pessoas com os elementos sociais e materiais de contextos particulares. O contexto, por sua vez, é analisado a partir de suas divisões do trabalho e relações sociais.

Senge (2000) acredita que as organizações do futuro serão aquelas que descobrirem como fazer com que as pessoas se comprometam e queiram efetivamente aprender, desde os patamares inferiores (chão de fábrica) até o alto escalão da gerência. O referido autor alerta para o fato de que as pessoas sentem suas limitações quando não sabem o que fazer diante dos problemas.

Mas só melhoram profissionalmente quando estão predispostas a aprender. As pessoas só superarão os obstáculos se tiverem clareza quanto aos seus objetivos pessoais e souber respeitá-los. Existem, segundo o autor, inúmeros tipos de crise e elas sempre estarão presentes, mas as empresas devem estar preparadas, com estratégias adequadas. A verdadeira aprendizagem ocorre quando toca o coração do ser humano.

Para Vygotsky (1989), a aprendizagem é o processo onde o indivíduo se apropria de informações, habilidades, atitudes e valores, a partir de sua interação com a realidade e seu ambiente de trabalho. Influenciando e conseqüentemente sendo influenciado pelo meio. Dessa forma, tornando o aprendiz inter-relacionado com o meio ambiente e por conseqüência com a organização no qual está inserido.

Senge (1990) identifica cinco práticas de aprendizagem, que modificam o indivíduo através da aquisição de novas habilidades, conhecimentos, experiências e níveis de consciência de si, as quais chama de disciplinas, são elas (i) domínio pessoal; (ii) modelos mentais; (iii) visão compartilhada; (iv) aprendizagem em equipe e (v) pensamento sistêmico. Segundo o autor é a quinta disciplina que correlaciona as demais, viabilizando que todas se desenvolvam em conjunto.

Rápida ou lentamente, produtiva ou improdutivamente, o conhecimento perpassa as organizações e é movido por uma variedade de forças (DAVENPORT; PRUSAK, 2003). Gerenciado ou não, o conhecimento é transferido dentro das organizações. Para Kolb (1984), a aprendizagem envolve duas fases, a percepção e o processamento da informação. Ele surpreende-se com o fato de que a capacidade de aprender apesar de ser considerada tão importante, ainda receba tão pouca atenção por parte dos gerentes e de suas organizações. O poder da informação é tão robusto que muitas vezes quem o tem domina o negócio.

Prahalad e Hamel (1990), por sua vez, consideram que as competências essenciais nas organizações são o aprendizado coletivo, especialmente como coordenar as diversas habilidades de produção e integrar as múltiplas correntes de tecnologias e uso estratégico das informações.

Bruns e Fletcher (2008) ao analisarem as possíveis fontes de acesso ao crédito típicas das empresas de pequeno porte destacam alguns fatores que podem ser considerados empecilhos ao acesso às linhas de crédito por parte destas, tais como o grau de aprendizado organizacional do gestor, traduzido em sua experiência gerencial, conhecimento em gestão financeira de negócios e de projetos e ao seu nível educacional e chama atenção que o grau de evidência e transparência das informações financeiras, em particular quanto a capacidade de pagamento, também pode ser uma barreira à obtenção de fundos.

Em seu estudo Barcelos (2002) observou os relatórios de 9.779 empresas abertas e fechadas do setor produtivo, constante do banco de dados de uma grande consultoria, no período compreendido entre os anos 1994 e 1998, e verificou que pelo fato de ter um maior grau de transparência nas informações contábeis, era concedido maior acesso a linhas de créditos às empresas abertas, como reflexo da obrigação de publicar e auditar suas demonstrações contábeis.

Corroborando esse entendimento, Allee e Yohn (2009) acreditam que para a concessão de crédito ser baseada nas demonstrações contábeis depende da “força dos relatórios” apresentados. Uma sólida condição financeira forte e a existência de auditoria externa são fatores determinantes para obtenção do crédito. Considera-se que as organizações cujas demonstrações são objeto de auditoria agreguem aos relatórios maior número de atributos qualitativos que tornam a interpretação e análise dos resultados mais transparentes.

No entanto, Silva Brito e Martins (2013), acreditam que devido ao ambiente institucional brasileiro onde as autoridades tributárias ocupam um papel relevante, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos suficientes para o seu emprego como estratégia na captação de recursos. Principalmente em decorrência da forte influência da legislação tributária e dos órgãos reguladores na produção das informações.

Ainda assim, alguns estudos explicam que a qualidade da informação contábil varia entre as empresas principalmente devido ao grau de dependência do mercado de capital diante de outras fontes de financiamento das atividades empresariais (BUSHMAN; SMITH, 2001).

Choi e Meek (2010) apontam que nos países onde a principal fonte de captação de recursos das empresas é o mercado de crédito, as informações contábeis são direcionadas para proteção do credor. No Brasil, a legislação tem evoluído no sentido de tornar as informações cada vez mais transparentes.

Recentemente, o Brasil aderiu às normas internacionais de contabilidade e entrou em um processo de harmonização e convergência dos seus normativos contábeis às práticas internacionais. Tal decisão partiu do pressuposto que a oferta de crédito é um dos principais fatores para o desenvolvimento e crescimento sustentado. Nesse sentido, o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) emitiu uma série de normativos, deixando claro que o principal objetivo das demonstrações contábeis-financeira é facilitar a análise por parte dos investidores e aos concessionários de créditos às empresas:

O objetivo do relatório contábil-financeiro de propósito geral é fornecer informações contábil-financeiras acerca da entidade que reporta essa informação (reporting entity) que sejam úteis a investidores existentes e em potencial, a credores por empréstimos e a outros credores, quando da tomada decisão ligada ao fornecimento de recursos para a entidade. Essas decisões envolvem comprar, vender ou manter participações em instrumentos patrimoniais e em instrumentos de dívida, e a oferecer ou disponibilizar empréstimos ou outras formas de crédito (Pronunciamento Conceitual Básico - R1, 2011).

Estudo realizado em Minas Gerais evidenciou que as PMEs não utilizam as demonstrações financeiras produzidas pela contabilidade, dentre outros motivos por estas não retratar a realidade (COSTA; YOSHITAKE, 2004).

Corroborando, Carvalho e Nakagawa (2004), afirmam que grande parte das informações produzidas pela contabilidade ainda está de certa engessada e possuem uma forte influência das legislações fiscais, o que inviabiliza a apresentação das informações gerenciais necessárias. É muito comum que os pequenos empresários restrinjam o uso das informações contábeis ao atendimento da legislação tributária.

Do ponto de vista do usuário, qualquer informação contábil é material, desde que sua omissão nos demonstrativos financeiros publicados ou nas notas explicativas propicie o julgamento errado sobre a situação da entidade. Evidentemente, é difícil e se determinar com precisão o conceito de materialidade, já que isso dependerá fundamentalmente do modelo decisório de cada tipo de usuário (NIYAMA; SILVA, 2009, p. 104).

Preocupados com essa realidade os órgãos reguladores vem constantemente cobrando dos profissionais da contabilidade uma postura proativa no sentido de dotar as demonstrações contábeis de atributos qualitativos que as tornem realmente úteis aos tomadores de decisão. O Pronunciamento Conceitual Básico do CPC (CPC, 2011) deixa claro que os demonstrativos contábeis também têm por finalidade auxiliar a análise quando da concessão de crédito às empresas.

Decisões a serem tomadas por investidores existentes e em potencial relacionadas a comprar, vender ou manter instrumentos patrimoniais e instrumentos de dívida dependem do retorno esperado dos investimentos feitos nos referidos instrumentos, por exemplo: dividendos, pagamentos de principal e de juros ou acréscimos nos preços de mercado. Similarmente, decisões a serem tomadas por credores por empréstimos e por outros credores, existentes ou em potencial, relacionadas a oferecer ou disponibilizar empréstimos ou outras formas de crédito, dependem dos pagamentos de principal e de juros ou de outros retornos que eles esperam. As expectativas de investidores, credores por empréstimos e outros credores em termos de retorno dependem da avaliação destes quanto ao montante, tempestividade e incertezas (as perspectivas) associados aos fluxos de caixa futuros de entrada para a entidade. Conseqüentemente, investidores existentes e em potencial, credores por empréstimo e outros credores necessitam de informação para auxiliá-los na avaliação das perspectivas em termos de entrada de fluxos de caixa futuros para a entidade (Pronunciamento Conceitual Básico - R1, 2011).

Adicionalmente, alguns estudos se reportam à qualidade das informações contábeis em suas variadas dimensões (GIROUX, 2004; BURGSTHALER; SMITH., 2006; BURGSTHALER; DICHEV, 1997; CHEN et al., 2010) e a possibilidade de manipulação das mesmas, tendo como alvo a captação de créditos para financiamento das atividades empresariais (GIROUX, 2004).

As informações contábeis tem se mostrado cruciais à gestão financeira. Empiricamente, tem sido demonstrado por um número de estudos que o contabilista possui a habilidade de atribuir significado à gestão financeira e pode facilitar o acesso às linhas de crédito de quaisquer organizações (BREAN; SCUILLI; CALVET, 2003).

Pesquisas revelam que pequenos empresários, em sua grande maioria, desconhecem quais os tipos de informações poderiam ser produzidas por seus contadores (PITELA, 2000; BREEN;SCIULLI; CALVERT, 2003).

A pesquisa de Sthoerer e Freitas (2008) evidencia o problema e atribuindo em parte a responsabilidade de tal desconhecimento aos próprios contadores que além de desconhecerem qual a necessidade de informação por parte de seus clientes, também não traduziam as informações produzidas em uma linguagem de fácil acesso aos usuários destas. O estudo constatou ainda que havia certo desinteresse por parte dos pequenos empresários em fazerem uso estratégico da informação contábil comumente atribuído ao pequeno porte de suas empresas. No entanto, de forma contraditória, apenas quando se tratava de necessidade de financiamento, no estudo em tela muitos dos empresários afirmavam e entendiam que a informação contábil neste contexto era estratégica.

Evidenciou-se ainda que muitas vezes dificuldades de ordem semântica podem se manifestar à medida que os termos e expressões utilizados nos relatórios contábeis possuem na origem um significado distinto daquele que é cotidianamente usado pelos respectivos destinatários (DIAS FILHO; NAKAGAWA, 2001).

Hale (1983) fez um resumo das principais razões que orientam a decisão de crédito e dentre elas cita a análise das demonstrações financeiras e da qualidade da administração. Reforçando a tese de que tanto a experiência dos gestores quanto a qualidade das informações contábeis podem ser influenciadores na decisão de concessão de acesso às linhas de financiamento.

Recentes estudos acerca das práticas bancárias ao redor do mundo têm demonstrado que as informações contábeis fornecem as bases para avaliar as PME para fins de disponibilização de acesso ao crédito por parte destas (OHACHOSIM, 2009).

## 2.2 ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Geralmente pesquisadores de captação de recursos (*fundraising*) direcionam seus estudos para estratégias de arrecadação ou coleta de recursos financeiros para uma causa do terceiro setor (RISCAROLLI, 2007). Neste estudo usaremos o termo estratégias de captação de recursos como sendo a construção de relações institucionais com potenciais investidores ou financiadores. É importante para as Empresas de Pequeno Porte (EPP's) entender quais informações financeiras o seu financiador irá rever ao processar seu pedido de financiamento.

Há no mercado alguns padrões de análise de crédito os quais são observados ao se decidir pela concessão de um pedido de empréstimo. Estes padrões mensuráveis fornecem uma diretriz para o financiador os quais são associados ao seu juízo de valor. Quando as demonstrações financeiras são analisadas por meio de programas computacionais, o analista tende a determinar se as relações são boas, ruins ou apenas médias. Ao tomar tal decisão, ele pode comparar as relações da empresa em análise com relações normais adquiridas de experiências passadas, ou com razões de um grupo selecionado de empresas competitivas no mesmo segmento econômico.

Usualmente, analistas de crédito, gestores financeiros e profissionais de contabilidade veem o fluxo de caixa como um bom critério para medir a capacidade de pagamento da dívida e conseqüente concessão de crédito (ATIEH, 1996). Crédito refere-se uma promessa de reembolso futuro por um valor presente recebido, considerando-se o fator "risco".

Conforme Schrickel (2000, p.42),

[...] crédito é todo ato de vontade ou disposição de alguém destacar ou ceder, temporariamente, parte de seu patrimônio a um terceiro, com expectativa de que esta parcela volte à sua posse integralmente, depois de decorrido o tempo estipulado (SCHRICKEL, 2000, p.42).

A análise de crédito tem como foco principal identificar os riscos nas situações de concessão de financiamentos, evidenciar conclusões e fazer recomendações quanto à capacidade de pagamento do tomador.



### 2.2.1 Variáveis estratégicas de captação de recursos

É amplamente discutida na literatura a dificuldade das PME's de obterem crédito para financiamento de suas atividades e que grande parte dos obstáculos advém das fragilidades inerentes ao próprio porte das empresas e também da carência de conhecimento gerencial por parte de seus proprietários que na maioria das vezes são também os dirigentes dos negócios (MASON; KWOK, 2010; HUGHES, 2009; BRUNS; FLETCHER, 2008; NORTH; BALDOCK; EKANEM, 2010; MASON; HARRISON, 1997).

A literatura registra que há dois momentos em que as pequenas e médias empresas necessitam de um maior volume de recursos: primeiramente quando estão em seus estágios iniciais (*start-up*) e segundo quando se encontram no estágio de expansão (OAKEY, 2007).

Bruns e Fletcher (2008) afirmam que as fontes de acesso ao crédito típicas das empresas de pequeno porte são através de bancos comerciais, capital de risco e de órgãos governamentais e identifica possíveis fatores que podem ser barreiras à obtenção de fundos, tais como experiência do gestor, conhecimento em gestão financeira de negócios e de projetos; análise do desempenho passado; liquidez e solvência (capacidade de pagamento); credibilidade e nível educacional do executivo principal (*Chief Executive Office*), solidez do planejamento estratégico e capacidade de geração de fluxo de caixa.

No entanto, evidenciou-se que os investidores de capital de risco são extremamente rigorosos na análise da qualidade das informações contábeis apresentadas particularmente da lucratividade do negócio, do plano de negócio e da capacitação gerencial e credibilidade dos pequenos empresários. Neste contexto, a qualidade do crédito do ponto de vista do financiador está diretamente ligada a capacidade de pagar juros sobre o vínculo pactuado de forma tempestiva. Quanto menor a qualidade de crédito de um emissor, maior o risco que os investidores não receberão a taxa de juros e maior o risco de inadimplência no principal (CAOQUETTE; ALTMAN; NARAYANAN, 2000).

O grau de maturidade do negócio também pode ser considerado uma variável crítica na análise da concessão de crédito. Os órgãos governamentais por sua vez fomentam a capacitação em negócios como fator de acesso as fontes de financiamentos (MASON; HARRISON, 2004; OCDE, 2006; KLONOWSKI, 2011). Caouette, Altman e Narayanan (2000, p.95) advogam que geralmente, são adotadas as seguintes informações no momento da análise de crédito: (1) Ficha cadastral; (2) Demonstrações contábeis; (3) Relatórios de crédito com o histórico de pagamento do cliente junto a outras empresas; (4) Bancos; e (5) Experiência de pagamento do cliente com a própria empresa. (CAOETTE; ALTMAN; NARAYANAN, 2000, p.95).

Irwin e Scott (2009) em pesquisa realizada junto a 400 PME's clientes do Banco *Barclay* identificaram fatores tais como nível educacional do gestor, como barreira à obtenção de crédito pelas PME's. O conhecimento em gestão financeira e as diferenças de percepção dos riscos dos negócios também são fatores que facilitavam ou dificultavam o acesso ao crédito. No entanto, estas barreiras diminuam à medida que os gestores possuíam um nível educacional mais elevado e formação em negócios (SMITH-HUNTER, 2006).

O Constructo Aprendizagem organizacional caracteriza-se como uma fonte de vantagem competitiva e, portanto, como consequência influencia na qualidade do crédito obtido (SMITH-HUNTER, 2006). Argyris (1999) defende que qualquer empresa que tenha aspirações de alinhar competências e habilidades técnicas em prol do atingimento de seus objetivos, deve reunir esforços para se desenvolver. Para outros autores, a aprendizagem organizacional consiste em difundir iniciativas e técnicas que permitam à compreensão do passado e antecipação do futuro (TOMAEL; ALCARA; DI CHIARA, 2005).

Outro importante constructo identificado neste estudo foi o uso estratégico das informações contábeis e trata da parte quantificável e verificável da análise do crédito, que consiste no levantamento da situação econômico financeira da empresa baseada em suas informações contábeis (SCHRIKEL, 2000). A Contabilidade para ser reconhecida como uma ferramenta útil à sociedade seleciona instrumentos que lhe proporcionam a capacidade de traduzir a situação patrimonial das empresas de maneira inteligível aos usuários das informações fornecidas.

Portanto, é um ponto de constante preocupação entre os pesquisadores observar se a Contabilidade vem cumprindo seu papel informacional e atendendo às necessidades de seus usuários. Outro ponto que tem merecido destaque é a preocupação em perceber até que ponto os profissionais da contabilidade conseguem discernir quais informações são realmente úteis e necessárias aos tomadores de decisões. Inclusive, neste sentido, os órgãos reguladores da profissão têm estabelecido informações qualitativas e complementares aos relatórios financeiros legais.

A qualidade do crédito captado assume importância à medida que apesar de contínuas quedas das taxas de juros, as PMEs ainda não sentiram reflexos em suas transações bancárias, tendo em vista que as taxas cobradas em suas operações ainda são elevadas, principalmente face aos altos percentuais de inadimplência que ocorrem no país (PREISLER, 2003). Normalmente associa-se à operação de empréstimo um preço remuneratório, a ser pago pela PME ao financiador, chamada de taxa de risco. Sabe-se que as empresas de pequeno porte devido as suas próprias características tem dificuldade em obter financiamentos com taxas atrativas e também tem dificuldade em oferecer garantias.

No contexto desta pesquisa, o significado de qualidade do crédito está associado à redução das taxas básicas de juros praticadas, volume de garantias necessárias e o prazo de carência concedido. É de conhecimento generalizado que dispor de recursos a baixo custo é essencial para que as empresas de pequeno porte possam planejar sua atuação e estimular ações empreendedoras.

O quadro 1 a seguir apresenta uma síntese do conjunto de variáveis estratégicas na captação de recursos por Pequenas e Médias Empresas referendados na literatura pesquisada.

CONSTRUCTOS	Nº	VARIÁVEIS DE PESQUISA	AUTORES
AO – Aprendizagem Organizacional	V1	<b>Experiência dos proprietários:</b> auxilia à capacitação gerencial.	PREISLER, 2003; BRUNS; FLETCHER, 2008.
	V2	<b>Competência em Gestão Financeira, de negócios e de projetos:</b> capacidade de execução e conhecimento do plano financeiro para geração de fluxo de caixa e da viabilidade econômico-financeira dos projetos.	BRUNS; FLETCHER, 2008
	V3	<b>Credibilidade do Gestor:</b> ligada a conduta e idoneidade financeira do gestor no mercado e sua capacidade de aprendizagem gerencial. “A sociedade moderna tem se organizado cada vez mais, no sentido de cobrar das empresas o respeito ao consumidor e a condução dos negócios de forma ética, obtendo sucesso, em não raro casos, através de órgãos como o PROCON” (SANTI Filho, 1997, p.18).	BRUNS; FLETCHER, 2008; MASON; HARRISON, 2004; KLONOWSKI, 2011.
	V4	<b>Nível Educacional do Gestor:</b> interfere no grau de aprendizagem e capacidade de gerir os negócios.	BRUNS; FLETCHER, 2008; IRWIN; SCOTT, 2009; SMITH-HUNTER, 2006.
	V5	<b>Capacitação Gerencial em Negócios:</b> “a capacitação para a vida do empresário é muito importante por permitir previamente a reflexão sobre os vários aspectos da criação de uma empresa e a simulação de possíveis situações a serem vivenciadas no futuro à frente da gestão do próprio negócio” (SANTOS, 1995, p.26).	BRUNS; FLETCHER, 2008; MASON; HARRISON, 2004; KLONOWSKI, 2011; BRUNS; FLETCHER, 2008; SMITH-HUNTER, 2006.
	V6	<b>Percepção de Riscos do Negócio:</b> conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados.	SMITH-HUNTER, 2006
UEI – Uso Estratégico da Informação Contábil	V7	<b>Desempenho passado:</b> performance da empresa em época de crescimento ou de recessão econômica.	BRUNS; FLETCHER, 2008
	V8	<b>Liquidez e Solvência:</b> capacidade de gerar recursos para pagamento da dívida.	BRUNS; FLETCHER, 2008
	V9	<b>Solidez do Planejamento Estratégico:</b> 94% das PME’s fracassam em função de falhas na elaboração do planejamento estratégico (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 1994).	BRUNS; FLETCHER, 2008

	V10	<b>Capacidade de Geração do Fluxo de Caixa:</b> observar atividades operacionais em relação aos fatores de riscos, internos e externos, que podem afetar a geração de caixa.	BRUNS; FLETCHER, 2008
	V11	<b>Lucratividade:</b> margens de lucratividade obtidas no negócio, demonstra qual o nível de ganho sobre as receitas.	MASON; HARRISON, 2004; KLONOWSKI, 2011
	V12	<b>Plano de Negócios:</b> Através da sua elaboração adquire-se o conhecimento necessário sobre o tipo de negócio ou serviço ofertado, os objetivos estratégicos, os clientes atuais e potenciais, os mercados, os preços, a concorrência, os recursos financeiros disponíveis, as operações e o ambiente externo à empresa, de forma a permitir o estabelecimento de estratégias que direcionem as operações à otimização dos resultados.	SEBRAE, 2007
QC – Qualidade do Crédito	V13	<b>Taxas:</b> custos relacionados às operações de crédito. “No Brasil, sempre houve um crônico problema de apoio financeiro às micro e pequenas empresas, motivado pela elevada taxa de juros praticada” (PREISLER, 2003).	PREISLER, 2003 SEBRAE, 2007; SEBRAE, 2013.
	V14	<b>Garantias:</b> “O desenvolvimento das micro e pequenas empresas depende do apoio ao crédito, que é realizado principalmente através das concessões de garantias de crédito” (PREISLER, 2003).	PREISLER, 2003 SEBRAE, 2017; SEBRAE, 2013.
	V15	<b>Prazo de Carência:</b> Corresponde ao período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização.	SEBRAE, 2007.

Quadro 1 – Variáveis estratégicas na captação de recursos por PME's  
Fonte: Autor, 2013.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Considerando a natureza da pesquisa, esta pode ser classificada, baseando-se em Diehl e Souza (2007), como estudo descritivo e exploratório, pois visa observar, registrar analisar e correlacionar fenômenos ou fatos, sem interferir no ambiente analisado e estabelecer relações entre as variáveis. Quanto à abordagem para a análise da pesquisa será adotada a pesquisa quantitativa, através do emprego de instrumentos estatísticos. Beuren e Fiorentin (2010) destacam que o método quantitativo tem como característica fundamental o emprego de quantificação tanto na coleta de informações quanto no tratamento dessas, utilizando-se para tanto de técnicas estatísticas. Quanto aos procedimentos, classifica-se como pesquisa de campo e documental. Segundo Cooper e Schindler (2003, p. 49) “têm como finalidade identificar ideias em relação a questões ou aspectos importantes de um determinado assunto, descobrindo o que é considerado importante em um grupo de pessoas”.

#### **3.2 UNIVERSO E AMOSTRA**

Primeiramente foi feito um levantamento informal, por meio do qual se procurou conhecer a situação das empresas de pequeno porte localizadas em Natal-RN, em particular as organizações contábeis, diante de suas dificuldades e realidades, sobre quais estratégias estão sendo adotadas na captação de recursos financeiros para financiamento do capital de giro.

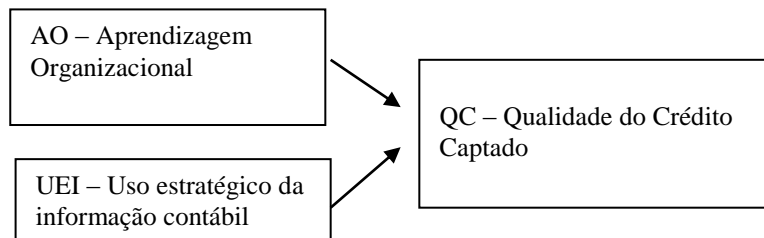
O universo da pesquisa foi composto pelas 588 organizações contábeis registradas no Conselho Regional de Contabilidade (CRC/RN). Com relação ao processo de seleção da amostragem, esta correspondeu a 126 empresas, utilizou-se de amostra não probabilística, a escolha foi feita por conveniência e facilidade de acesso do pesquisador.

### 3.3 VARIÁVEIS ANALÍTICAS

Nesta pesquisa, as variáveis analíticas foram definidas, conforme demonstrado na seção 2.2.1. Têm-se as seguintes variáveis:

Variáveis independentes: AO - Aprendizagem Organizacional e UEI - Uso estratégico da informação contábil.

Variável dependente: QC - Qualidade do Crédito Captado.



A fim de mensurar a influência das variáveis relacionadas à Aprendizagem Organizacional (AO) e Uso Estratégico da Informação Contábil (UEI) na Qualidade do Crédito Captado (QC) por EPP's foi usado modelo de Análise de Correlação Canônica (ACC). A análise procura mediante um grande número de características originais correlacionadas, obter combinações lineares dessas características denominadas variáveis canônicas de tal forma que a correlação entre essas variáveis seja nula (KHATTREE; NAIK, 2000).

Para efeito de análise, as variáveis analisadas foram representadas através de códigos e estes estão listadas na Tabela 01.

Tabela 01: Códigos das variáveis estudadas, segundo seus respectivos grupos de relacionamento:

<b>Código</b>	<b>Rótulo</b>
<b>Aprendizagem Organizacional (AO)</b>	
<b>AO1</b>	A experiência dos gestores auxilia a capacidade de gerir os créditos captados (PREISLER, 2003; BRUNS; FLETCHER, 2008)
<b>AO2</b>	O conhecimento do gestor em Gestão Financeira auxilia a captação de créditos (BRUNS; FLETCHER, 2008)
<b>AO3</b>	A conduta e a idoneidade financeira dos empresários facilita a captação de créditos (BRUNS; FLETCHER, 2008; MASON; HARRISON, 2004; KLONOWSKI, 2011)..
<b>AO4</b>	O nível educacional do empresário interfere no grau de aprendizagem e capacidade de gerir os negócios (BRUNS; FLETCHER, 2008; IRWIN; SCOTT, 2009; SMITH-HUNTER, 2006).
<b>AO5</b>	A capacitação gerencial do empresário reflete sobre os vários aspectos da criação de uma empresa e a simulação de possíveis situações a serem vivenciadas no futuro à frente da gestão do próprio negócio (.BRUNS; FLETCHER, 2008; MASON; HARRISON, 2004; KLONOWSKI, 2011; BRUNS; FLETCHER, 2008; IRWIN; SCOTT, 2009; SMITH-HUNTER, 2006).
<b>AO6</b>	O conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados influenciam a qualidade do crédito captado e a capacidade da empresa de aprender a usar estrategicamente as informações do mercado(SMITH-HUNTER, 2006).
<b>Uso Estratégico da Informação Contábil (UEI)</b>	
<b>UEI1</b>	O desempenho da empresa em época de crescimento ou de recessão econômica pode ser um diferencial na obtenção de créditos (BRUNS; FLETCHER, 2008).
<b>UEI2</b>	A capacidade de gerar recursos para pagamento da dívida é um dos fatores considerados na captação de créditos (BRUNS; FLETCHER, 2008).
<b>UEI3</b>	Ter um bom planejamento estratégico é um diferencial competitivo (BRUNS; FLETCHER, 2008).
<b>UEI4</b>	Capacidade de geração do fluxo de caixa é um fator positivo na obtenção de crédito (BRUNS; FLETCHER, 2008).
<b>UEI5</b>	A lucratividade do negócio impacta na qualidade do crédito obtido (MASON; HARRISON, 2004;



	KLONOWSKI, 2011).
<b>UEI6</b>	A empresa que tem um plano de negócios estruturado tem maior facilidade de obtenção de crédito (SEBRAE,2007).

#### **Qualidade do Crédito (QC)**

<b>QC1</b>	As taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa (PREISLER, 2003, SEBRAE, 2007; SEBRAE, 2013).
<b>QC2</b>	O desenvolvimento das Pequenas Empresas depende do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito (PREISLER, 2003 SEBRAE, 2007; SEBRAE, 2013).
<b>QC3</b>	O Prazo de Carência, ou seja, o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário (SEBRAE,2007).

Fonte: Autor , 2014

### 3.4 COLETA DE DADOS

#### 3.4.1 Instrumentos da Pesquisa

O instrumento de coleta de dados considerado mais adequado foi um questionário estruturado com perguntas fechadas aplicado às empresas objeto de estudo e relatórios produzidos pelos escritórios contábeis que prestam serviços de assessoria a tais empresas. Conforme Malhotra (2001, p.179), “o método *survey* para obtenção de informações se baseia no interrogatório dos participantes, aos quais se fazem várias perguntas sobre o seu comportamento, intenções, atitudes, percepção, motivações e características demográficas e de estilo de vida”.

As variáveis do modelo foram operacionalizadas através de escala Likert de cinco pontos (1= Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente), tendo como padrão a seguinte questão: “Você acredita que os fatores a seguir relacionados influenciam na capacidade de obtenção de recursos e na qualidade do crédito captado pelas PMES,s?”. Os 15 itens apresentados no quadro 1, anteriormente ilustrado, foram dispostos aleatoriamente.

### 3.4.2 Plano de Coleta

Os dados foram coletados com apoio do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Norte (CRC/RN), através da disponibilização do questionário em seu site, no período de 15 de setembro de 2013 a 15 de fevereiro de 2014, e envio de e-mail aos profissionais da contabilidade proprietários de organizações registradas no mesmo solicitando a colaboração com a pesquisa. Realizou-se também uma pesquisa de campo, nos referidos escritórios com aplicação de questionários de perguntas fechadas. O primeiro e-mail foi enviado a todos os endereços do cadastro no dia 15 de setembro de 2013, e mais duas vezes nos dias 15 de novembro de 2013 e 15 de janeiro de 2014. Os contabilistas que não responderam aos questionários no período citado nas convocações por e-mail foram considerados não respondentes. Os objetivos e importância da pesquisa também foram explicados presencialmente aos contadores durante a realização do maior evento anual da classe contábil do Rio Grande do Norte, o X Encontro Norte-rio-grandense de Contabilidade (ENCC2013), o qual se realizou durante os dias 12 a 14 de setembro de 2013. Por ocasião do ENCC2013 foi realizado um primeiro piloto para aplicação do questionário. Os dados obtidos no piloto foram utilizados para refinamento do instrumento de pesquisa e validação parcial do instrumento. O questionário foi encaminhado às 588 organizações contábeis registradas no Conselho Regional de Contabilidade (CRC/RN), porém, apenas 126 retornaram, representando uma amostra de 21%.

## 3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados foi feito através de Análise de Correlação Canônica (ACC). Deu-se preferência ao uso da ACC neste trabalho, pois segundo Hair Jr. et al. (2009) este tipo de análise reflete melhor a realidade dos estudos de investigação. Os autores ainda citam que situações de alta complexidade como pesquisas que envolvem o comportamento humano e/ou organizacional podem sugerir múltiplas variáveis que

representam um conceito e, assim, criar problemas quando estas são examinadas separadamente. Além disso, umas das vantagens desta técnica é que ela permite identificar duas ou mais relações originais, se elas existirem.

Foi realizada a análise de correlação canônica, considerando os dados originais observados, para verificar as associações existentes entre um primeiro grupo de características da Aprendizagem Organizacional e Uso Estratégico da Informação Contábil com um segundo grupo formado pelas características da Qualidade do Crédito (ver Quadro 01).

O primeiro grupo representa as variáveis independentes (AO- Aprendizagem Organizacional e UEI- Uso Estratégico da Informação Contábil) e o segundo as dependentes (QC - Qualidade do Crédito). Dessa forma, foi possível determinar 3 funções canônicas ou 3 pares de variáveis canônicas. As funções canônicas relacionadas às variáveis independentes foram denominadas de  $U_i$ , para  $i = 1,2,3$  e funções canônicas relacionadas às variáveis dependentes foram denominadas de  $V_i$ ,  $i = 1,2,3$ , quando explicitadas.

Utilizou-se o teste multivariado de significância Lambda de Wilks (estatística de Rao e aproximação da distribuição F) para avaliar a significância das correlações canônicas. Além disso, utilizou-se o teste generalizado de Shapiro-Wilk para verificar a existência de normalidade multivariada dos dados utilizados, uma vez que, o teste de significância da correlação canônica só tem validade quando cada grupo de variáveis envolvidas tem distribuições normais multivariadas (MINGOTI, 2005).

A quantidade de variância explicada, ou seja, o percentual de variância na variável estatística canônica dependente que pode ser explicada pela variável estatística canônica independente, e vice-versa, determinou-se se elevando ao quadrado a correlação canônica ( $R^2$  canônico). Ou seja, fornecida uma estimativa da quantidade de variância compartilhada entre as respectivas variáveis canônicas das variáveis independentes com as dependentes.

Foi calculado também o índice de redundância que indica a quantidade de variância de uma variável canônica que pode ser explicada pelas outras variáveis canônicas. Esta pode ser calculada tanto para variáveis dependentes quanto independentes e para cada função canônica. Por exemplo, o índice de redundância das

variáveis dependentes representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes, similar ao  $R^2$  na regressão linear múltipla. Para se obter um elevado índice de redundância, deve-se ter uma alta correlação canônica e um alto grau de variância compartilhada, explicada pela variável canônica. Segundo Hair Jr. et al. (2009) deve-se considerar o índice de redundância para superar o viés e a incerteza inerentes ao uso de raízes canônicas (correlações canônicas ao quadrado) como uma medida de variância compartilhada.

Todas as análises foram realizadas utilizando-se o software estatístico R versão 3.0.3 (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2014), pacotes CCA (GONZÁLEZ; DÉJEAN, 2009) e yacca (BUTTS, 2009).

Foi calculado ainda o Alpha de Cronbach para verificar a consistência do questionário utilizado. Corriqueiramente, o valor mínimo aceitável para o alfa é 0,70; abaixo desse valor a consistência interna da escala utilizada é considerada baixa. Em contrapartida, o valor máximo esperado é 0,90; acima deste valor, pode-se considerar que há redundância ou duplicação, ou seja, vários itens estão medindo exatamente o mesmo elemento de um constructo; portanto, os itens redundantes devem ser eliminados. Usualmente, são preferidos valores de alfa entre 0,80 e 0,90 (STREINER, 2003).

Note que, contudo, em alguns cenários de investigação das ciências sociais, um  $\alpha$  de 0.60 é considerado aceitável desde que os resultados obtidos com esse instrumento sejam interpretados com precaução e tenham em conta o contexto de computação do índice (DeVELLIS, 1991).

O Critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) é uma medida que indica o quanto as variáveis estão correlacionadas. Que foi proposto, inicialmente, por Kaiser (1970) e é fundamentado na inversa da matriz de correlação. Esse coeficiente varia entre 0 e 1, e quanto mais próximo de 1 indica que os dados originais são correlacionados. Segundo Kaiser e Rice (1974) os valores de KMO maiores que 0,8 são ideais e indicam uma boa correlação entre as variáveis.

Tabela 02: Apresenta o KMO, Coeficiente Alpha de Cronbach e intervalo bootstrap de 95% de confiança para o alpha.

<b>Grupo de</b>	<b>KMO</b>	<b>Alpha de Cronbach</b>	<b>Intervalor de confiança</b>
-----------------	------------	--------------------------	--------------------------------

variáveis			Limite inferior (2,5%)	Limite superior (97,5%)
<b>Geral</b>	0,6847	0,6615	0,5067	0,7502
<b>AO</b>	0,5515	0,2974	0,0428	0,4684
<b>UEI</b>	0,5755	0,5251	0,3276	0,6456
<b>QC</b>	0,6272	0,5891	0,3987	0,7128

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Vale salientar que, o intervalo *bootstrap* de 95% confiança para o caso geral em estudo (AO, UEI e QC) contém o valor 0,70, o que daria algum indício de aceitabilidade dos resultados. Veja que os resultados aqui apresentados corroboram com os já mencionados em análises anteriores, pois como pode ser visto, os resultados relacionados a grupo de variáveis AO segundo esse critério seriam os menos aceitáveis. Observe também, que o intervalo associado ao grupo QC contém o valor 0,7, dando indícios que os resultados relacionados com estas variáveis são de melhor qualidade.

Para os dados, quando considerado o caso geral, o KMO foi de 0,68, indicando pouca correlação existente entre as variáveis. Este resultado apresenta baixo grau de explicação e correlação. Considerando os demais grupos de forma individual o KMO é relativamente baixo, ou seja, as variáveis são pouco correlacionadas.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Antes de prosseguir com as análises deve-se deixar claro que os grupos de variáveis não são provenientes de distribuições normais multivariadas ( $p$ -valor  $<0,05$  para o teste generalizado de Shapiro-Wilk). Desta forma, tem-se que ser cauteloso com os testes de significância das correlações canônicas, pois estes dependem de tal pressuposto.

Na Tabela 03 encontram-se as correlações canônicas obtidas, o  $R^2$  canônico e o resultado do teste de significância realizado. Pode-se observar que, apenas a primeira correlação canônica foi significativa (valor- $p <0,05$ ), mas para efeito de análise todas as variáveis canônicas foram consideradas.

Observando o  $R^2$  canônico, tem-se o total de variância compartilhada de AO e UEI com QC em relação cada função canônica obtida, que neste caso são 3, pois o número de funções é determinado pelo mínimo entre o número de variáveis independentes (12) e o número de variáveis dependentes (3). Note que a quantidade de variância explicada entre as variáveis canônicas dependentes e independentes não foram expressivas para funções 2 e 3, mas de forma geral todas tiveram baixa explicação.

Tabela 03: Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Função canônica	Correlação canônica	$R^2$ canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL <sub>N</sub>	GL <sub>D</sub>	
1	0,575	0,331	2,179	36	329	<0,001
2	0,349	0,122	1,245	22	224	0,212
3	0,310	0,096	1,198	10	113	0,200

\*GL: grau de liberdade; GL<sub>N</sub>: grau de liberdade do numerador; GL<sub>D</sub>: grau de liberdade do denominador.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Para mensurar o quanto das variações da qualidade do crédito é explicado pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da informação, conjuntamente foi obtido o índice de redundância das variáveis dependentes (QC), em que este representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes (AO e

UEI), similar ao  $R^2$  na regressão linear múltipla. Para estes dados foi obtido índice de 20%, ou seja, apenas 20% das variações ocorridas na qualidade do crédito podem ser explicadas pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da informação contábil.

Na Tabela 04 são apresentadas as interpretações dos três pares de variáveis canônicas obtidas. Há 3 variáveis canônicas relacionadas às variáveis AO e UEI e outras três relacionadas à QC. Uma vez interpretadas as variáveis canônicas, deve-se ter atenção ao sinal dos coeficientes, pois estes indicam a direção da interpretação, ou seja, este indicará o que significa obter um escore negativo ou positivo e em que isso implica.

Para variável canônica capacitação gerencial tem-se que valores de escores no sentido negativo indicam que a capacitação gerencial impacta na qualidade do crédito obtido. Desta forma, quanto mais negativo for o valor do escore, significa que o técnico/contador acredita com maior intensidade que a capacitação gerencial impacta a qualidade do crédito. Os escores da variável canônica prática financeira tem interpretação similar ao escore de capacitação gerencial, ou seja, quanto mais negativo este for indica aqueles profissionais da contabilidade que acreditam ter muita prática em análise financeira.

No caso da variável canônica visão estratégica, escores no sentido positivo indicam que estes profissionais da contabilidade acreditam ter alta visão estratégica para os negócios, e quanto mais positiva for implica maior intensidade dessa característica. Para QC1 quanto mais negativo forem os escores mais os profissionais acreditam que taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa, ou seja, estes acreditam que taxas menores melhoram a qualidade do crédito. Logo, os escores no sentido negativo indicam taxas de crédito baixa na aquisição do crédito.

Para variável canônica QC2 os escores no sentido positivo indicam alta dependência do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito. Já para QC3 escores no sentido negativo indicam que o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário. Tendo em vista estes aspectos, pode-se partir para as interpretações das figuras que seguem.

Tabela 04: Código, coeficientes e interpretações dos três pares de variáveis canônicas obtidos.

<b>AO e UEI: variável canônica 01</b>		
<b>Código</b>	<b>Coeficiente</b>	<b>Interpretação</b>
AO1	0,013	CAPACITAÇÃO GERENCIAL
AO2	-0,161	
AO3	-0,147	
AO4	-0,363	
AO5	<b>-0,597</b>	
AO6	0,052	
UEI1	-0,293	
UEI2	-0,072	
UEI3	0,137	
UEI4	-0,136	
UEI5	-0,193	
UEI6	-0,179	
<b>AO e UEI: variável canônica 02</b>		
<b>Código</b>	<b>Coeficiente</b>	<b>Interpretação</b>
AO1	-0,055	PRÁTICA FINANCEIRA
AO2	-0,249	
AO3	-0,309	
AO4	-0,377	
AO5	0,101	
AO6	-0,517	
UEI1	0,337	
UEI2	0,016	
UEI3	-0,930	
UEI4	0,263	
UEI5	0,358	
UEI6	0,029	
<b>AO e UEI: variável canônica 03</b>		
<b>Código</b>	<b>Coeficiente</b>	<b>Interpretação</b>
AO1	0,942	VISÃO ESTRATÉGICA
AO2	-0,098	
AO3	0,037	
AO4	0,319	
AO5	-0,339	
AO6	-0,544	
UEI1	0,260	
UEI2	-0,244	
UEI3	0,081	
UEI4	-0,169	
UEI5	0,149	
UEI6	0,273	
<b>QC: variável canônica 01</b>		
<b>Código</b>	<b>Coeficiente</b>	<b>Interpretação</b>
QC1	-0,6921	QC1: As taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa.
QC2	0,1994	
QC3	-0,3247	
<b>QC: variável canônica 02</b>		



Código	Coefficiente	Variável canônica
QC1	-0,330	QC2: O desenvolvimento das Pequenas Empresas depende do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito.
QC2	0,713	
QC3	0,336	
QC: variável canônica 03		
Código	Coefficiente	Interpretação
QC1	0,349	QC3: O Prazo de Carência, ou seja, o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário.
QC2	0,595	
QC3	-0,764	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Na Figura 01 pode-se observar que as taxas praticadas possui relação linear moderada com a capacitação gerencial ( $\hat{\beta} = 0,58$ ). Ou seja, quanto maior QC1, maior são as taxas cobradas e menor é a qualidade do crédito. Contemplando o entendimento de Bruns e Fletcher (2008) de que o conhecimento em gestão financeira por parte do gestor auxilia o processo de captação de créditos.

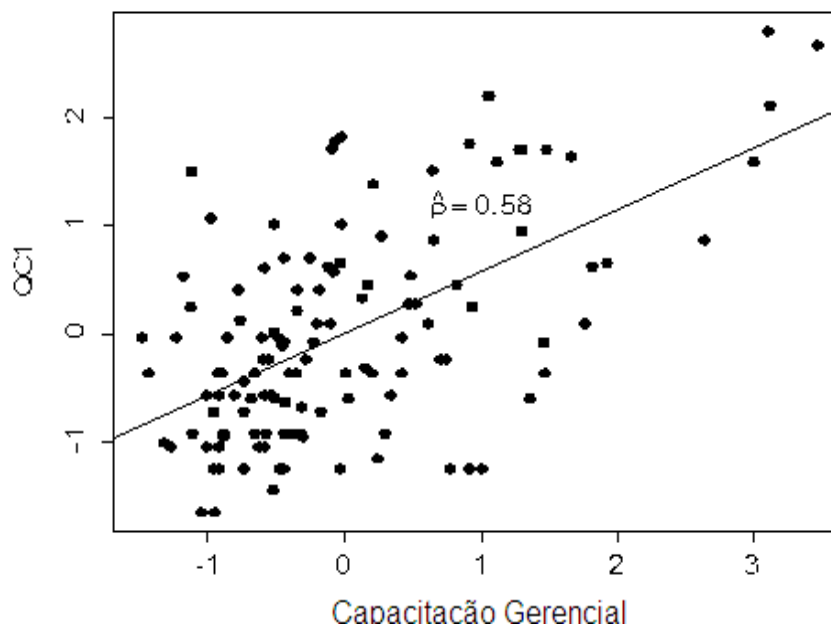


Figura 1 - Gráfico de dispersão dos escores Capacitação Gerencial versus escores de QC1 e curva média estimada por regressão linear simples

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Na Figura 02 percebe-se que a prática financeira possui relação linear relativamente baixa com a dependência de apoio ao crédito ( $\hat{\rho} = 0,35$ ). Note que graficamente não se tem uma relação tão evidente. Veja também que, esse sentido positivo da correlação pode está sendo influenciada por algumas observações/escores atípicos, pois uma nuvem de pontos formada no gráfico parece dar indícios de correlação no sentido negativo, o que esta mais coerente com a interpretação já supracitada.

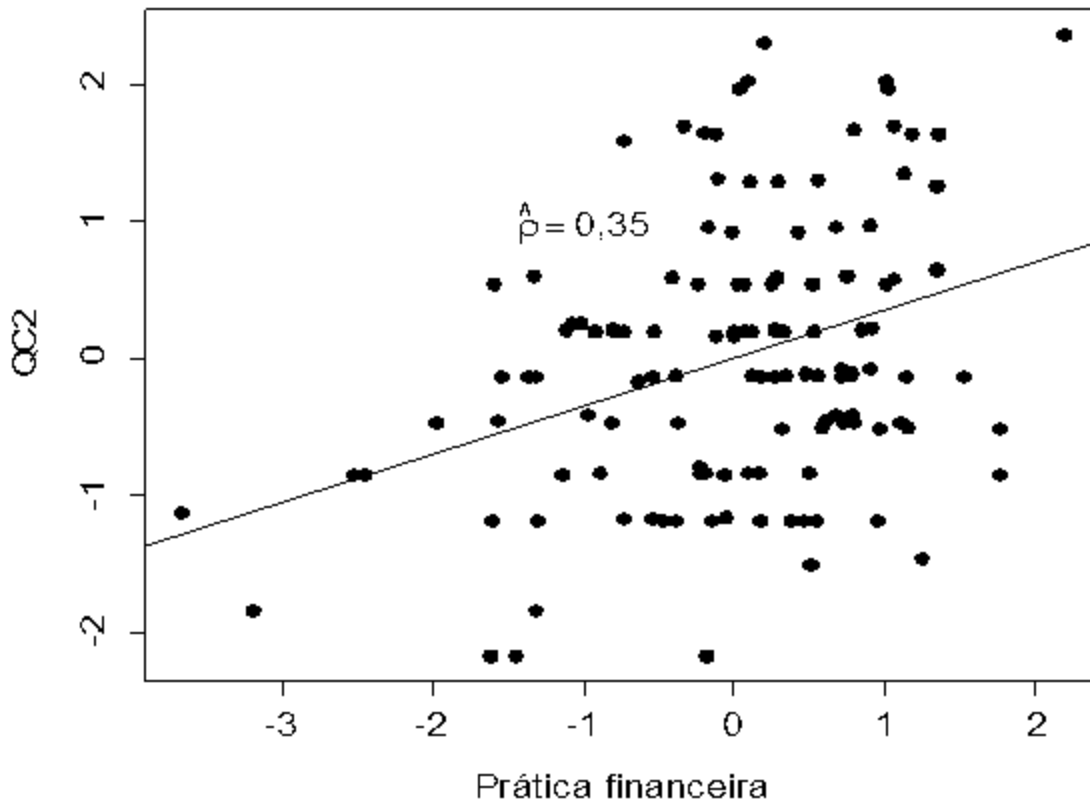


Figura 2 - Gráfico de dispersão dos escores de prática financeira versus escores de QC2 e curva média estimada por regressão linear simples  
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Na Figura 03 observa-se que a visão estratégica possui relação linear relativamente baixa com a credibilidade e do poder de negociação do empresário ( $\hat{\rho} = 0,31$ ). É possível notar na variável canônica, que graficamente não se tem uma relação tão evidente. Veja também que, esse sentido positivo da correlação pode esta sendo influenciado por algumas observações/escores atípicos, pois uma nuvem de pontos

formada no gráfico parece dar indícios de correlação no sentido negativo, o que esta mais coerente com a interpretação já supracitada. Note que este resultado é similar ao apresentado anteriormente na Figura 02. Percebe-se, neste sentido, o conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados influenciam a qualidade do crédito captado e a capacidade da empresa de aprender a usar estrategicamente as informações do mercado (SMITH-HUNTER, 2006).

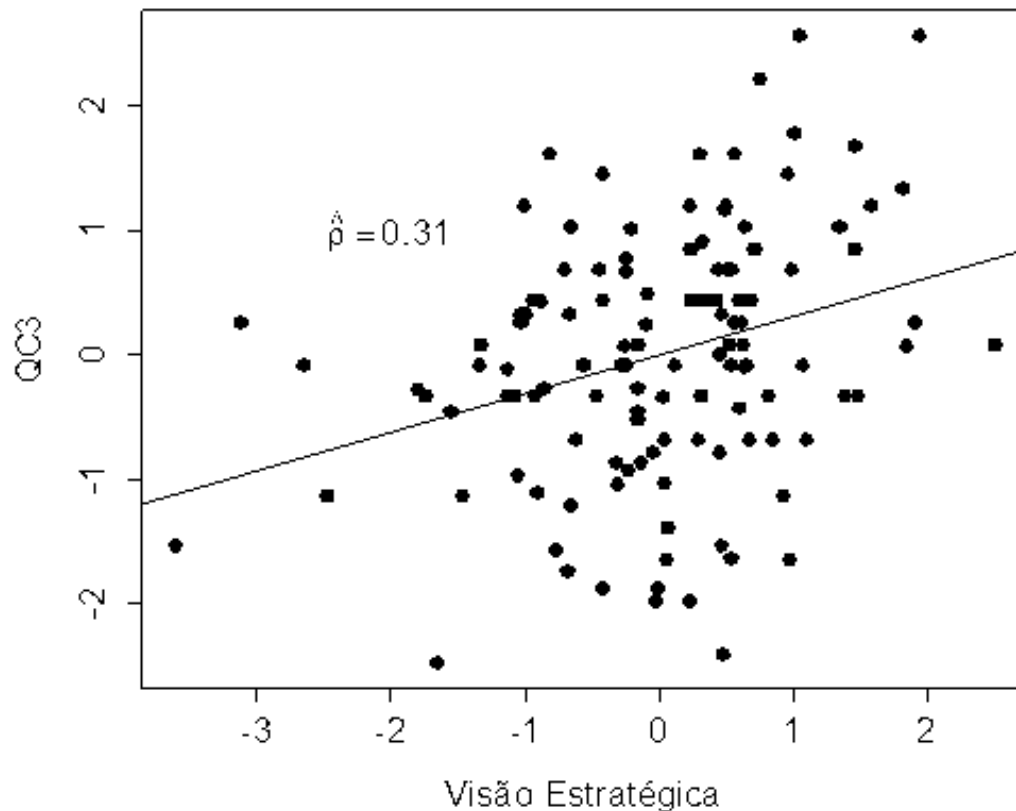


Figura 3 - Gráfico de dispersão dos escores de visão estratégica versus escores de QC3 e curva média estimada por regressão linear simples  
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Considerou-se ainda no presente estudo outra abordagem, em que foi investigada individualmente a influência de cada grupo de variáveis independentes (AO e UEI) no QC (dependentes). Nesta, apenas o par de escores associados à primeira função canônica foi objeto de estudo dado que as demais correlações não foram significativas (valor- $p < 0,05$ ). Note que, destas ACC foram gerados um escore relacionado AO, um escore relacionado à UEI e outros dois escores relacionados à QC, uma vez que, foram realizadas duas ACC.

Estes escores obtidos das variáveis canônicas dadas em (a) e (c) foram interpretados com sendo, respectivamente, um Índice Geral da Aprendizagem Organizacional (IGAO) e um Índice Geral do Uso Estratégico da Informação (IGUEI). Os outros dois escores relacionados às variáveis dependentes, dadas pelas variáveis canônicas (b) e (d) foram interpretados como sendo um Índice Geral da Qualidade do Crédito (IGQC).

Como se tinha dois índices para cada ACC estes foram denominados de IGQC1 e IGQC2. Os resultados apresentados a seguir resumem esta estratégia de análise.

CC: AO

$$U_1 = -0,009 \cdot A01 - 0,355 \cdot A02 - 0,256 \cdot A03 - 0,472 \cdot A04 - 0,682 \cdot A05 - 0,281 \cdot A06 \text{ (a)}$$

$$V_1 = -0,728 \cdot QC1 + 0,387 \cdot QC2 - 0,283 \cdot QC3 \text{ (b)}$$

É possível notar na variável canônica dada por (a) que os sinais e magnitude dos valores dos coeficientes, indicam que quanto menor o escore maior é o IGAO. Já na variável dada por (b) tem o comportamento similar, mas os valores altos de QC2 podem influenciar os escores obtidos. Ou seja, quanto menor escore maior é o IGQC1, mais aumentos em QC2 podem reduzir este índice.

A Figura 04 apresenta o gráfico de dispersão dos IGAO versus o IGQC1, nota-se nesse gráfico que existe evidência de uma relação linear positiva  $\hat{\rho} = 0,525$  (correlação canônica) e estatisticamente significativa ao nível de 5% (valor-p < 0,05) como apresentado na Tabela 05. Elevando  $\hat{\rho}^2$  obtêm-se o  $R^2$  canônico que representa o total de variância compartilhada entre IGAO e IGQC1 que foi de 27,56%. Foi calculado também o índice de redundância, o qual indica a quantidade de variância de uma variável canônica que pode ser explicada pelas outras variáveis canônicas.

O índice de redundância das variáveis dependentes representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes, similar ao  $R^2$  na regressão linear múltipla. Para este caso 11,52% das variações ocorridas em QC é explicado por AO, relativamente baixo. Talvez esse resultado se explique em função de grande parte das PME's buscarem como fonte e financiamento as instituições financeiras. Porem estudo realizado por Mason e Harrison (2004) revelou que os investidores de capital de riscos utilizam-se tanto das informações geradas pela

Contabilidade quanto da análise da capacitação gerencial e credibilidade pessoal dos empresários.

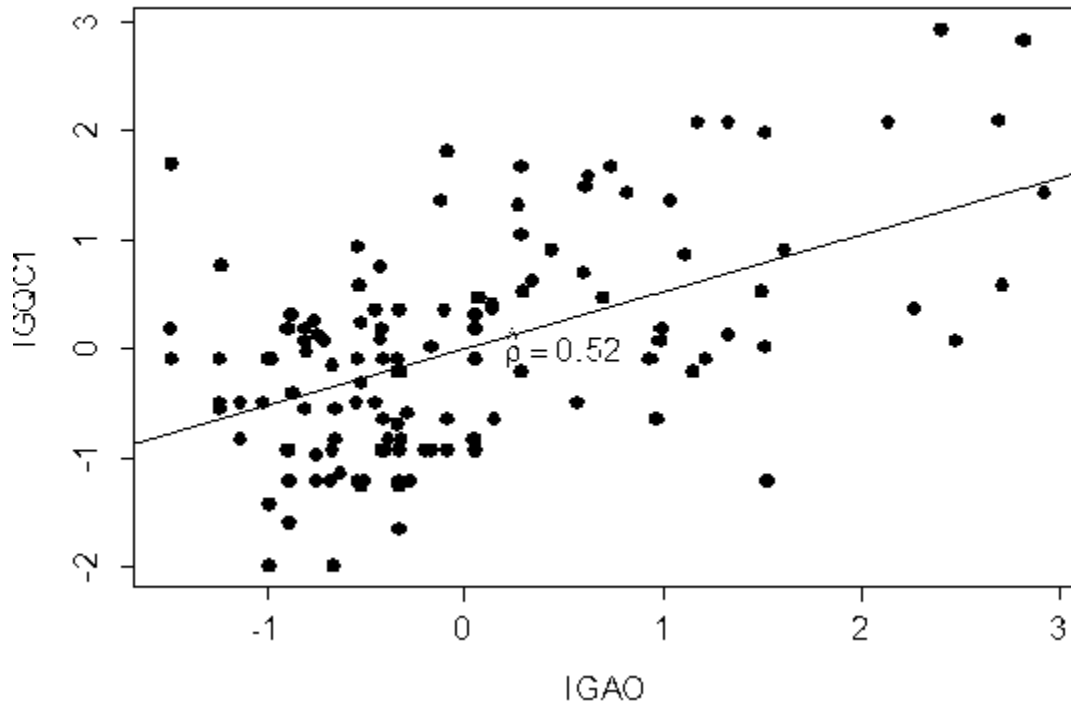


Figura 4 - Gráfico de dispersão dos IGAO versus o IGQC1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Tabela 05: Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Função canônica	Correlação canônica	R <sup>2</sup> canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL <sub>N</sub>	GL <sub>D</sub>	
1	0,525	0,275625	2,919	18	331	<0,0001
2	0,275	0,075625	1,136	10	236	0,336
3	0,125	0,015625	0,468	4	119	0,759

\*GL: grau de liberdade; GL<sub>N</sub>: grau de liberdade do numerador; GL<sub>D</sub>: grau de liberdade do denominador.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

É possível notar na variável canônica dada por (c) que os sinais e magnitude dos valores dos coeficientes indicam que quanto menor o escore maior é o IGUEI. Contudo a variável UEI3 contribui para o escore no sentido positivo, ou seja, fazendo que esse seja mesmo negativo e diminua o IGUEI. Já na variável dada por (d) tem-se o

comportamento similar, quanto menor escore maior é o IGQC2, ou seja, quanto menor o escore maior qualidade do crédito.

ACC: UEI

$$U_1 = -0,374 \cdot UEI1 - 0,260 \cdot UEI2 + 0,349 \cdot UEI3 - 0,369 \cdot UEI4 - 0,375 \cdot UEI5 - 0,298 \cdot UEI6 \quad (c)$$

$$V_1 = -0,540 \cdot QC1 - 0,086 \cdot QC2 - 0,399 \cdot QC3 \quad (d)$$

A Figura 05 apresenta o gráfico de dispersão dos IGUEI versus o IGQC2:

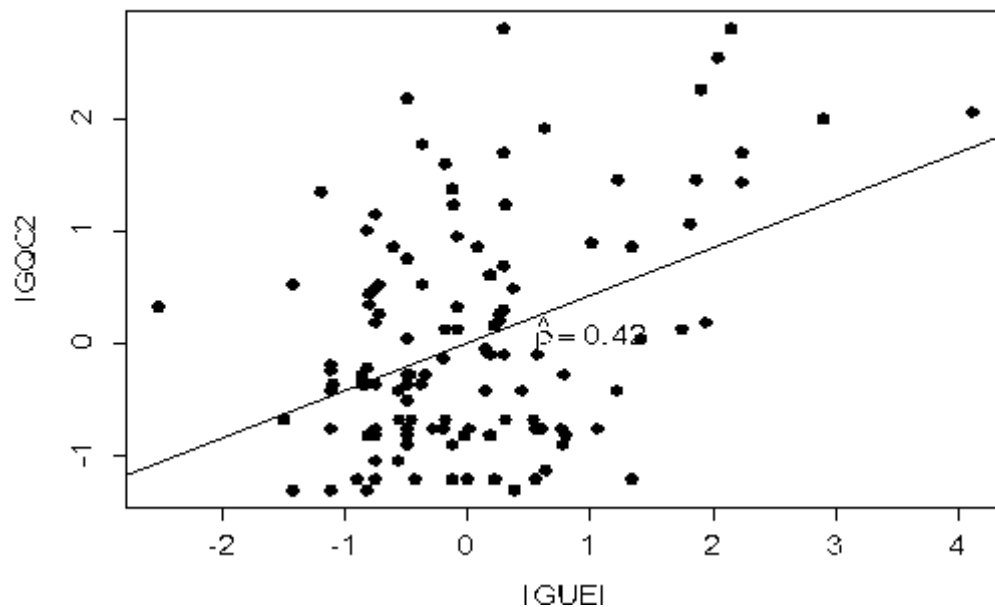


Figura 5 - Gráfico de dispersão dos IGUEI versus o IGQC2.  
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Nota-se nesse gráfico que existe evidência de uma relação linear positiva  $\hat{\rho} = 0,425$  (correlação canônica) e estatisticamente significativa ao nível de 5% (valor-p < 0,05) como apresentado na Tabela 06, a seguir:

Tabela 06: Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Função canônica	Correlação canônica	R <sup>2</sup> canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL <sub>N</sub>	GL <sub>D</sub>	
1	0,425	0,181	1,768	18	331	0,028
2	0,215	0,046	0,726	10	236	0,700
3	0,115	0,013	0,396	4	119	0,811

\*GL: grau de liberdade; GL<sub>N</sub>: grau de liberdade do numerador; GL<sub>D</sub>: grau de liberdade do denominador.  
Fonte - Dados da Pesquisa, 2014

Elevando  $\hat{\rho}^2$  obtêm-se o R<sup>2</sup> canônico que representa o total de variância compartilhada entre IGAO e IGQC que foi de 18,06%. Os dados da pesquisa confirmaram o entendimento de Caneca (2009, p. 3) no qual o autor aponta, baseado em pesquisa empírica, que as organizações ainda não se beneficiam dos possíveis resultados decorrentes da qualidade da informação contábil, posto que: “Os controles mais oferecidos pelos contadores às empresas entrevistadas foram os cálculos de impostos e de folhas de pagamento, enquanto os menos oferecidos foram os de controle financeiro e de estoques”.

Coerente com o entendimento de Silva Brito e Martins (2013), que acreditam que devido ao ambiente institucional brasileiro, no qual as decisões são fortemente influenciadas pela legislação tributária, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos que auxiliem na captação de recursos. Contrariando inclusive a pesquisa empírica realizada pela *Credit Research Foundation*, onde se constatou que, para 45% dos analistas de crédito respondentes daquela pesquisa, que as demonstrações contábeis do cliente consistiam na principal fonte de informação para decisões de crédito (GAMBLE, 2002).

Como já foi supracitado, o índice de redundância das variáveis dependentes representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes, similar ao R<sup>2</sup> na regressão linear múltipla. Para este caso 10,70% das variações ocorridas em QC é explicado por UEI, relativamente baixo e menor que a explicação do AO. Os resultados são coerentes com o estudo de Sthoerer e Freitas (2008) no qual os autores atribuem o baixo uso estratégico da informação contábil em parte ao fato de os próprios contadores desconhecerem qual a necessidade de informação por parte de seus clientes o que de certa forma possivelmente gera

desinteresse dos pequenos empresários em fazerem uso estratégico das informações contábeis.

Na Figura 06 e 07 são apresentados dois gráficos para estudar a relação conjunta dos índices, em que a primeira figura representa um gráfico trivariado dos índices: IGAO, IGUEI e IGQC1, a outra figura é um gráfico trivariado só que em vez do IGQC1 é IGQC2, ambas com seus respectivos planos de resposta média obtidos ajustando-se um modelo de regressão linear múltipla. Sabendo que, quanto mais negativos forem os índices, maior será a Aprendizagem Organizacional (AO), o Uso Estratégico da Informação (UEI) e a Qualidade do Crédito (QC).

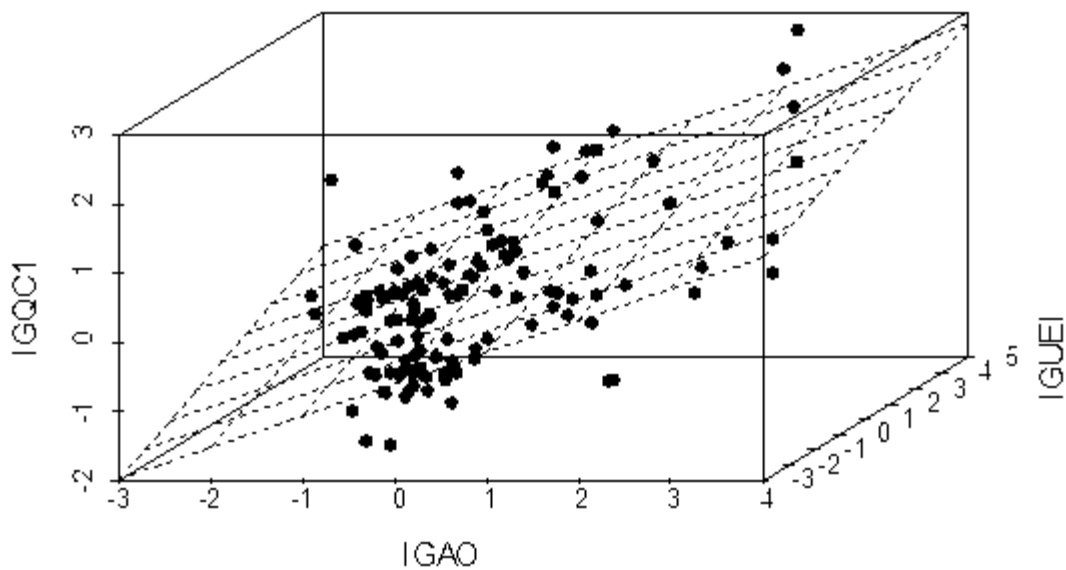


Figura 6 - Gráfico trivariado dos índices: IGAO, IGUEI e IGQC1  
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014



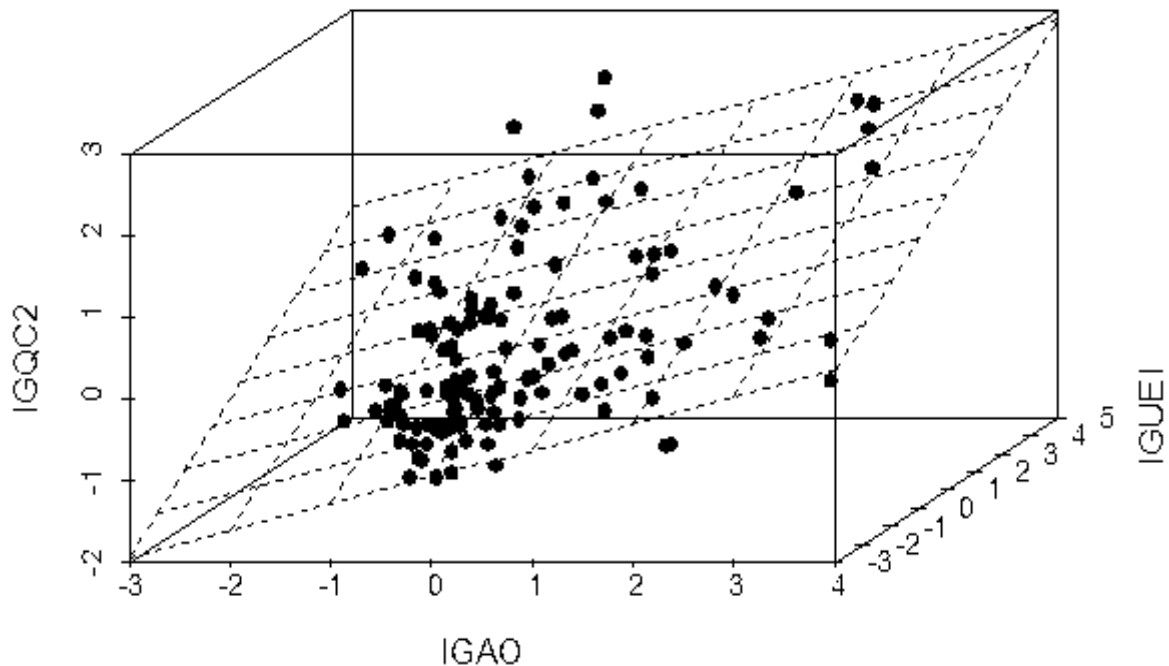


Figura 7 - Gráfico trivariado dos índices: IGAO, IGUEI e IGQC2  
 Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Conclui-se observando os gráficos das figuras 6 e 7 que quanto mais positivo IGAO e IGUEI menor será a qualidade do crédito. Observa-se que o uso estratégico da informação contábil tem uma correlação menor, portanto, influencia na qualidade do crédito menos que à aprendizagem organizacional.

Os resultados são condizentes com a pesquisa de Lucato e Vieira Jr (2004) em que os autores chegam à conclusão que as práticas gerenciais inadequadas desenvolvidas pelos proprietários gestores e em decorrência o seu despreparo na condução dos aspectos gerenciais do empreendimento os impediria de atender aos pré-requisitos das instituições financeiras dificultando o acesso das PMEs às linhas de crédito de longo prazo disponíveis no mercado.

Também corroboram a linha de entendimento de Silva Brito e Martins (2013) de que os pequenos empresários fazem pouco uso da informação contábil. Acredita-se, entretanto, que na medida em que for reconhecido o papel da contabilidade ao comunicar eventos que afetam o patrimônio das empresas, espera-se que tais

informações consigam estabelecer uma comunicação eficaz entre a empresa e os agentes financeiros com os quais ela interage e que isso fazer com que estes se apoiem na evidenciação contábil na tomada de decisões de crédito (DIAS FILHO, NAKAGAVA, 2001).

Ambas as hipóteses da pesquisa foram, portanto confirmadas, (H1) o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas, apesar do baixo poder explicativo existe uma evidência demonstrada nos gráficos que o uso estratégico das informações contábeis influencia a qualidade do crédito captado. De forma similar, verificou-se que gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influenciava a qualidade do crédito captado, confirmando, portanto a hipótese (H2) tendo em vista que se observando a variável canônica capacitação gerencial, verifica-se que esta impacta na qualidade dos créditos obtidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou observar se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis interferiam na qualidade do crédito captado pelas empresas. Os objetivos inicialmente traçados foram atingidos, posto que os dados empíricos da pesquisa apresentaram a percepção dos profissionais da Contabilidade do Rio Grande do Norte quanto ao entendimento se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciavam na qualidade da captação do crédito pelas EPP's. Para tanto utilizou o método de Análise de Correlação Canônica (ACC). De acordo com o teste de significância das relações canônicas (índice de redundância), apenas 20% das variações ocorridas na qualidade do crédito podem ser explicadas pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da informação contábil.

Também se buscou avaliar se o uso estratégico das informações contábeis influenciava nas taxas de crédito praticadas e observar se a aprendizagem organizacional (experiência do gestor) influenciava na qualidade da captação de recursos pelas EPP's. Evidenciou-se que o uso estratégico da informação contábil influencia na qualidade do crédito, confirmando, portanto, a primeira hipótese de que o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas, apesar do baixo poder explicativo existe uma evidência demonstrada no estudo que o uso estratégico das informações contábeis influencia a qualidade do crédito captado. Explicado pelo entendimento de Silva Brito e Martins (2013), que devido ao ambiente institucional brasileiro, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos suficientes para o seu emprego como estratégia na captação de recursos. A hipótese (H2) de que gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influenciava a qualidade do crédito captado também foi confirmada, tendo em vista que observando-se a variável canônica capacitação gerencial, verifica-se que esta impacta na qualidade do crédito obtidos.

Apesar de os dados empíricos demonstrarem que a prática financeira (experiência) dos gestores e a visão estratégica possuem relação linear relativamente

baixa com a dependência de apoio ao crédito ( $\hat{\rho} = 0,35$ ), posto que apenas 11,52% das variações ocorridas na Qualidade do Crédito (QC) são explicadas por aprendizagem organizacional, o que sinaliza um índice reativamente baixo e as variações ocorridas em QC explicadas por UEI, apenas 10,7% são explicadas, relativamente baixo e ainda menor que a explicação do AO, corroborando o estudo de Fernandes (2010).

Em geral o método empregado na pesquisa mostrou-se adequado ao seu desenvolvimento e permitiu a análise e interpretação dos resultados e consequente alcance dos objetivos propostos. Os resultados obtidos são encorajadores para continuidade da pesquisa no sentido de aplica-la em outras amostras contemplando empresários e analistas de crédito. Os achados da pesquisa são de extrema relevância para as organizações contábeis, em diferentes estados brasileiros, à medida que aumenta a percepção da necessidade de produzir informações destinadas à captação de crédito para empresas de pequeno porte.

A principal contribuição desta pesquisa é o exame da relação entre a aprendizagem organizacional, o uso estratégico da informação contábil e a qualidade do crédito captado por pequenas e médias empresas, tema pouco explorado no mundo acadêmico. Há poucas pesquisas empíricas investigando o assunto no Brasil. Este estudo ao demonstrar estatisticamente a influencia da aprendizagem organizacional e do uso estratégico das informações contábeis na qualidade do crédito captado por PMEs revela aos profissionais da contabilidade a necessidade de manterem-se permanentemente alinhados as necessidades de seu mercado consumidor para que produzam relatórios financeiros aderentes às necessidades informacionais por parte dos seus variados usuários e com os atributos qualitativos desejáveis.

Recomenda-se para estudos futuros a identificação das razões que levam as pequenas empresas a não aplicarem plenamente os instrumentos contábeis ao seu dispor e adicionalmente buscar compreender os motivos que levam os contadores a não exercerem a potencialidade de suas funções quanto ao aspecto de fornecer relatórios contábeis dotados de atributos qualitativos que os tornem realmente úteis e necessários à tomada de decisões estratégicas em consonância com o que preceitua o normativo profissional da categoria.

Recomenda-se ainda aos contadores que procurem estudar mais acerca das necessidades informacionais de seus clientes e que busquem um mecanismo de comunicação permanente com estes, em particular, municiando-os de informações que os auxiliem no acesso as linhas de crédito e que permitam negociar taxas e prazos mais atrativos.

## REFERÊNCIAS

- ABBAD, G. S., CORRÊA, V. P., MENESES, P. P. M. Avaliação de treinamentos a distância: Relações entre estratégias de aprendizagem e satisfação com o treinamento. **RAM, Revista de Administração Mackenzie**, v.11, n.2, p. 43-67.2010.
- ALMEIDA, M. I. **Desenvolvimento de um modelo de planejamento estratégico para grupos de pequenas empresas**. São Paulo, 1994. Tese (doutorado), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.
- ALLEE, K. D., YOHN, T. L. The demand for financial statement in an unregulated environment: an examination of the production and use of financial statements by privately held small businesses. **The Accounting Review**, v. 84. n. 1, p.1-25, 2009.
- ANJOS, L. C.M., MIRANDA, L.C. SILVA, D.J.C.. FREITAS, A. Uso da contabilidade para obtenção de financiamento pelas micro e Pequenas empresas: um estudo a partir da percepção dos gestores. **Revista Universo Contábil**, FURB, Blumenau, v. 8, n. 1,p. 86-104, jan./mar., 2012.
- ANTONELLO, C. S., GODOY, A. S. A encruzilhada da aprendizagem organizacional: Uma visão multiparadigmática. **Revista de Administração Contemporânea**, v.14, p.310-332, 2010.
- ARGYRIS, C. Aprendizado de duas voltas. **HSM Management**. v. 17, Ano 3, p. 14-20, Nov-Dez.1999.
- \_\_\_\_\_, SCHON, D. A. **Organizational learning: a theory of action perspective**. Reading. MA: Addison-Wesley, 1978.
- ASSAF NETO, A.; LIMA, F.G. **Fundamentos de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2010.
- ATIEH, S.H. A multidimensional model for credit decision process in commercial banks. **JKAU: Econ. & Adm.** vol. 3, 95-106, 1996.
- BARCELOS, L.C. **Determinantes do acesso ao crédito empresarial no Brasil: teoria e evidências empíricas**. 84p. Dissertação (Mestrado em Economia) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2002.

BEUREN, I.M.; FIORENTIN, M. Influência de fatores contingenciais nos atributos do sistema de contabilidade gerencial: um estudo das empresas têxteis do Rio Grande do Sul. Chie. **Semead: Seminários em Administração**, Santa Catarina, 1-16, set. 2010.

BRUNS, V. FLETCHER, M. Banks' risk assessment of Swedish SMEs, **Venture Capital: An International Journal of Entrepreneurial Finance**, Vol. 10 No. 2, 2008. 171-94.

BURGSTHALER, D., DICHEV, I. Earnings management to avoid earnings decreases and losses. **Journal of Accounting and Economics**. Vol. 24, N. 1, p. 99–126, December, 1997

BURGSTHALER, D., HAIL, L. LEUZ, C. The importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms, **The Accounting Review**, v.81, n. 5, pp. 983–1016, 2006.

BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: Considerações para a prática educacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 002. 1999. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/188/18812208.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

BREEN, J.; SCIULLI, N.; CALVERT, C. **The role of the external accountant in small firms**. In: ANNUAL CONFERENCE OF SMALL ENTERPRISE ASSOCIATION OF AUSTRALIA AND NEW ZEALAND, 16., 28 Sept.-1 Oct. 2003, Victoria. Proceedings...Victoria, Australia: University of Ballarat 2003. Disponível em: [www.cric.com.au/seanz](http://www.cric.com.au/seanz) . Acesso em: 01 jun. 2014

BUSHMAN, R.M. SMITH, A.J. Financial accounting information and corporate governance. **Journal of Accounting and Economics**. v. 32, p. 237–333, 2001.

BUTTS, C. T.. **yacca**: Yet Another Canonical Correlation Analysis Package. R package version, 2012. Disponível em: <http://CRAN.R-project.org/package=yacca> . Acesso em: 18 mai. 2014.

CANECA, R. L. **Oferta e procura de serviços contábeis para micro, pequenas e médias empresas**: um estudo perceptivo das percepções dos empresários e contadores. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-institucional e InterRegional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UnB/UFPE/UFPB/UFRN, Brasília, 2008.

CARVALHO, A.M.R.; NAKAGAWA, M. **Informações contábeis**: um olhar fenomenológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 17., 2004, Santos. Resumos... Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 2004. 160p.

CAOQUETTE, J. B.; ALTMAN, E. I.; NARAYANAN, P. **Gestão do risco de crédito: o próximo grande desafio financeiro**. Trad. de Allan Hasting; técnica de João Carlos Douat. São Paulo: Qualitymark, 2000.

CHEN, H., TANG, Q., JIANG, Y. LIN, Z. The role of Internacional Financial Reporting Standards in accounting quality: Evidence from the European Union, **Journal of International Financial Management and Accounting**, 21 (3), pp. 220-278,2010

CHOI, F.D.; MEEK, F. **International Accounting**, Hardcover, Seventh Edition. New Jersey: Prentice Hall, 2010. **Disponível em:**  
[http://phallywtech.weebly.com/uploads/1/2/8/0/12806463/ebooksclub.org\\_international\\_accounting\\_seventh\\_edition.pdf](http://phallywtech.weebly.com/uploads/1/2/8/0/12806463/ebooksclub.org_international_accounting_seventh_edition.pdf) Acesso em: 12mai2014.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P.S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CORSO, H.V. et al. Metacognição e funções executivas: relações entre os conceitos e implicações para a aprendizagem. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v.29, n.1, p. 21-29, 2013. Disponível em: <https://revistapt.unb.br/index.php/ptp/article/view/359> Acesso em: 04 jun.2014.

COSTA, D.F.; YOSHITAKE, M. **O controle e a informação contábil nas pequenas empresas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 2004, Santos. Resumos... Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 2004. 160p

DAVENPORT, T. B. e PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DeVELLIS, R. F. **Scale development: Theory and applications**. Newbury Park, CA: SAGE Publications, 1991.

DIEHL, C. A.; SOUZA, M. A. Formação, certificação e educação continuada: um estudo exploratório do profissional contábil sob a óptica das empresas Head Hunters. **Base - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo, v. 21, n.2, p. 233-248, dez. 2007.

DIAS FILHO, J. M.; NAKAGAWA, M. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. **Revista Contabilidade & Finanças**, v.15, n.26, p. 42-57, 2001.



FERNANDES, E. N.L.. **O impacto da informação contábil de empresas fechadas na percepção de risco dos analistas de crédito**. 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA, Universidade de São Paulo, 2010.

FINGER, M.; BRAND, S. B. Conceito de “organização de aprendizagem” aplicado à transformação do setor público: contribuições conceituais ao desenvolvimento da teoria. In: EASTERBY-SMITH, M. ; BURGOYNE, J.; ARAUJO, L. **Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2001.

FLEURY, Afonso C.C. e FLEURY, Maria T. L. **Estratégias competitivas e competências essenciais**: perspectivas para a internacionalização da indústria no Brasil, 2003. Disponível: < <http://www.scielo.br/pdf/gp/v10n2/a02v10n2.pdf>> . Acesso em:20mai2014

GALLORO, L. R. S.; GALLORO, V. D. **Controle interno e contabilidade como elemento de controle**. In: SILVA Junior, José Barbosa (Org.). Controles internos contábeis e alguns aspectos de auditoria. São Paulo: Atlas, 2000.

GAMBLE, Richard H. Map of Minefield. **Business Credit**. July/August ,2002.

GARVIN, David. Bulding a Learning Organization. **Harvard Business Review**. Jul 01, 1993.

GIBB, A .A . Small firms and competitiveness: building upon the samall business as a learning organisation. **International Small Business Journal**, ap/jun 1997, p. 13-29

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira essencial**. 2ª ed.,Porto Alegre: Bookman, 2001.

GIROUX, G., **Detecting earnings management**, Wiley, United States, 2004. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/B6W4P-4FJ8C5W-1/2/ea28effa3e4467d868612093e7e8c9e9> Acesso em 12mar2014.

GONZALEZ, I.; DEJEAN, S. **CCA**: Canonical correlation analysis. R package version, 2012. Disponível em: <http://CRAN.R-project.org/package=CCA> . Acesso em: 18 mai. 2014.

HALE, Roger. **Credit Analisys**. NY:Wiley, 1983. Disponível em: [file:///C:/Users/nu1\\_bedel/Downloads/TESEPERERA.pdf](file:///C:/Users/nu1_bedel/Downloads/TESEPERERA.pdf) Acessado em: 18.maio.2014

HAIR JUNIOR, J.F.; BLACK, W.C.; BABIN, B.J.; ANDERSON, R.E.; TATHAM, R.L. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2009. 688p.

HOLDER-WEBB, L; SHARMA, D.S. The Effect of Governance on Credit Decisions and Perceptions of Reporting Reliability. **Behavioral Research in Accounting**. v.22, p. 1-20, 2010.

HUGHES, A. Hunting the shark: some reflections on the UK experience of support for the small business sector, **Innovation: Management, Policy and Practice**, Vol. 11 No. 2, p. 114-26, 2009.

KHATTREE, R.; NAIK, D.N. **Multivariate data reduction and discrimination with SAS software**. New York: BBU Press and John Wiley Sons Inc., 2000.

KOLB, D.. **Experiential learning**: experience as the Source of Learning and Development. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1984.

KOLB, A. Y. ;KOLB, D. A. **Experiential learning theory bibliography**: 2006-2010. 2007 <http://www.learningfromexperience.com>

KLONOWSKI, D. Liquidity gaps in financing the SME sector in an emerging market: evidence from Poland. **International Journal of Emerging Markets**. Vol. 7 No. 3, p. 335-355, 2012. Disponível em: < [www.emeraldinsight.com/1746-8809.htm](http://www.emeraldinsight.com/1746-8809.htm)> Acesso em 14jan2014

JI, C. Chinese Informal Financial Systems and Economic Growth. **Public Policy Review**. Japan: Policy Research Institute.p. 63-88,2009.

LEVRATTO, N. (coord) , **L'évaluation des entreprises afin de faciliter l'accès au crédit : quelle intermédiation informationnelle?**, Rapport final, DECAS, 2001. Disponível em < <http://www.ladocumentationfrancaise.fr/var/storage/rapports-publics/034000019/0000.pdf>> ,acesso em 20.abr.2013.

LUCATO, W. C.; VIEIRA JUNIOR, M.. As dificuldades de capitalização das pequenas e médias empresas brasileiras. **Prod.**, São Paulo, v. 16, n. 1, Apr. 2006 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65132006000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132006000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso on 23 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132006000100003>.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001. 720 p.

\_\_\_\_\_. Business angel networks and the development of informal venture capital market in the UK: is there still a role for public policy?, **Small Business Economics**, Vol. 9, pp. 111-23, 2004.

MASON, M. KWOK, J. "Investment readiness programmes and access to finance: a critical review of design issues", **Local Economy**, Vol. 25 No. 4, pp. 269-92, 2010.

MININNI-MEDINA, Naná; LUZZI, Daniel; LUSWARGHI, Andréa. **A educação a distância no contexto Iberoamericano**. 3p. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2000/texto02.htm>>. Acesso em: 19/05/2014.

MINGOTI, Sueli Aparecida. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada**: uma abordagem aplicada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 295p. (Didática, 8)

NIYAMA, J. K.; SILVA, C. A. T. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

NORTH, D., BALDOCK, R. EKANEM, I. Is there a debt finance gap relating to Scottish SMEs? A demand-side perspective", **Venture Capital: An International Journal of Entrepreneurial Finance**, Vol. 12 No. 3, p.173-92, 2010.

OLIVEIRA, G. **Contribuições das teorias da cognição e da aprendizagem para a EaD**. Cuiabá, NEAD/UFMT, março 2007. Disponível em: [http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos\\_site\\_uab/contribuicao\\_teorias\\_aprendizagem.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/contribuicao_teorias_aprendizagem.pdf)  
Acesso em: 12 jun. 2014.

Oakey, R. A commentary on gaps in funding for moderate 'non-stellar' growth small businesses in the United Kingdom, **Venture Capital: An International Journal of Entrepreneurial Finance**, Vol. 9 No. 3, p. 223-35, 2007.

OHACHOSIM, C. I. **Financial Challenges of SMEs in Nigeria**: Emerging Tasks for the Accountant, M.Sc. Thesis, Department of Accountancy, University of Nigeria, Enugu Campus, 2009.

PITELA, A.C. O desempenho profissional do contador na opinião do empresário. **Revista Publicatio UEPG**, Universidade Estadual de Ponta Grossa, ano 8, n.1, 2000. Disponível em: [www.uepg.br/propesp/publicatio/ant.htm](http://www.uepg.br/propesp/publicatio/ant.htm) . Acesso em: 09 jun. 2014.

PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. The core competence of corporate of the corporation. **Harvard Business Review**, v. 68, nº 3, p.79-91, May/June, 1990.

PREISLER, Adriano Milton. **Análise de risco e crédito para micro e pequenas empresas – uma proposta orientativa**. 2003. 191 f. Mestrado (Mestre) - Curso de Programa de Pósgraduação em Engenharia de Produção, Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84688/225302.pdf?sequence=1> . Acesso em: 15 jul. 2013.

Pronunciamento Conceitual Básico (R1) – NBCTG Estrutura Conceitual – Resolução CFC n. 1374/2011. Liberação CVM n. 675/2011. Disponível em: [http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/147\\_CPC00\\_R1.pdf](http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/147_CPC00_R1.pdf) Acesso em 14jun2014.

R Core Development Team. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.2014. Disponível em: <http://www.R-project.org/> . Acesso em: 20.mai.2014

REIS, G. G., NAKATA, L. E., DUTRA, J. S. Aprendizagem transformativa e mudança comportamental a partir de dilemas desorientadores na carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.11, nº2, 243-255, 2010.

RISCAROLLI, V.. **Estratégias de captação de recursos aplicáveis à realidade das faculdades de administração de instituições de ensino superior brasileiras**. 2007. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-29012008-121105/> . Acesso em: 28.07.2103.

SANTI FILHO, A. **Avaliação de riscos de crédito**: para gerentes de operações. São Paulo: Atlas, 1997.

SANTOS, S. A.. **A ação empreendedora em uma economia globalizada e competitiva**. In: Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor. Coordenação de Heitor José Pereira e Silva Aparecido dos Santos. Brasília: Ed. SEBRAE, p. 13–28, 1995.

SCHRICKEL, W. K.. **Análise de Crédito**: concessão e gerência de empréstimos. São Paulo: Atlas, 2000.

SCHMITT JR, D. **Financiamento das pequenas e médias empresas: aspectos do processo decisório e instrumento de capital de risco**. 2002. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Administração),UFRGS. Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3218/000334165.pdf?sequence=1>>, Acesso em: 20.abr.2013.

SCORSOLINI-COMIN, F., INOCENTE, D. F., MIURA, I. K. Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. jul.-dez, Vol. 12, No. 2, p.227-239, 2011. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902011000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200010&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 12abr2014

SCOTT, J. M.;IRWIN, D.**How SME owners' characteristics influence external advice and access to finance**, Institute of small business and entrepreneurship conference (ISBE), Glasgow, November 2007.

SCOTT, J.M. ;IRWIN, D.Discouraged advisees? The influence of gender, ethnicity, and education in the use of advice and finance by UK SMEs, Environment and Planning C: **Government and Policy**, v. 27, n.2, p. 230-245, jan. 2009.

SEBRAE. **Como buscar financiamento**: setor comercial. Recife, 2007

SEBRAE. **10 respostas sobre crédito para micro e pequenas empresas**. Salvador, 2013. Disponível em

[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/6AF5D526BEB255B68325799D0067EF6B/\\$File/NT000473BE.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6AF5D526BEB255B68325799D0067EF6B/$File/NT000473BE.pdf) . Acesso em: 22.Jul.2013.

SEBRAE, **As pequenas empresas do simples nacional**, 2011. Disponível em <

[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/9BB59A59F0E2E04583257957004777CE/\\$File/NT000470DE.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/9BB59A59F0E2E04583257957004777CE/$File/NT000470DE.pdf)> Acesso em: 20.abr.2013.

SENGE, P. **A Quinta disciplina**. São Paulo: Best Seller, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Quinta Disciplina: Arte e Prática da Organização que Aprende**, São Paulo, Círculo do Livro – Editora Best Seller, 2000.

SILVA BRITO, G. A.; MARTINS, E.Conservadorismo contábil e o custo do crédito bancário no Brasil, **BBR - Brazilian Business Review**, vol. 10, n. 1, p. 27-48, jan-mar, 2013.

SIMPI. Indicador de atividade da micro e pequena indústria de São Paulo, maio/2014.

Disponível em: < [http://www.simpi.org.br/arquivos/indicador\\_mai\\_2014.pdf](http://www.simpi.org.br/arquivos/indicador_mai_2014.pdf)> Acesso em: 18mai2014.

STROEHER, A.M.; FREITAS, H.. O uso das informações contábeis na tomada de decisão em pequenas empresas. **R.Adm. Eletrônica**, São Paulo, v.1, n.1, art.7, jan./jun. 2008

SMITH-HUNTER, A. E, **Women Entrepreneurs Along Racial Lines**: Issues of Human Capital, Financial Capital and Network Structures. Cheltenham: Edward Elgar, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=3q1vZWmOxfQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21.jul.2013

TOMAEL, M. I. ALCARÁ, A. R.. DI CHIARA, I. G.. Das redes sociais à inovação. **Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem** (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XU, B.; LI, K.; LIU, K. Empirical study on interaction between disclosure quality of accounting information and corporate governance efficiency. **International Conference on Management and Service Science**, MASS 2009. Wuhan/Beijing: IEEE. p. 1-5, 2009.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

PERGUNTA DA PESQUISA:

“Você acredita que os fatores a seguir relacionados influenciam na capacidade de obtenção de recursos e na qualidade do crédito captado pelas PMES,s?”.

- (1) Discordo Totalmente. Significa que a empresa não aplica o fundamento descrito.
- (2) Discordo Parcialmente. Significa que a empresa não aplica o fundamento descrito em sua maioria.
- (3) Indeciso. Significa que existem dúvidas se o fundamento é aplicado em sua maioria ou minoria.
- (4) Concordo Parcialmente. Significa que o fundamento descrito na afirmação é aplicado na sua maioria.
- (5) Concordo Totalmente. Significa que a empresa aplica totalmente o fundamento descrito na afirmação.

PERGUNTA DA PESQUISA: “Você acredita que os fatores a seguir relacionados influenciam na capacidade de obtenção de recursos e na qualidade do crédito captado pelas PMES,s?”.	(1) Discordo Totalmente.	(2) Discordo Parcialmente.	(3) Indeciso.	(4) Concordo Parcialmente.	(5) Concordo Totalmente
A experiência dos gestores auxilia a capacidade de gerir os créditos captados					
O conhecimento do gestor em Gestão Financeira, de negócios e de projetos auxilia a captação de créditos.					
A conduta e a idoneidade financeira dos empresários facilita a captação de créditos.					
O nível educacional do empresário interfere no grau de aprendizagem e capacidade de gerir os negócios.					
A capacitação gerencial do empresário reflete sobre os vários aspectos da criação de uma empresa e a simulação de possíveis situações a serem vivenciadas no futuro à frente da gestão do próprio negócio.					
O conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados influenciam a qualidade do crédito captado e a capacidade da empresa de aprender a usar estrategicamente as informações do mercado.					

O desempenho da empresa em época de crescimento ou de recessão econômica pode ser um diferencial na obtenção de créditos.					
A capacidade de gerar recursos para pagamento da dívida é um dos fatores considerados na captação de créditos.					
Ter um bom planejamento estratégico é um diferencial competitivo.					
Capacidade de geração do fluxo de caixa é um fator positivo na obtenção de crédito.					
A lucratividade do negócio impacta na qualidade do crédito obtido.					
A empresa que tem um plano de negócios estruturado tem maior facilidade de obtenção de crédito.					
As taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa					
O desenvolvimento das PME's depende do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito.					
O Prazo de Carência, ou seja, o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário.					